

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

Gabriela Guerra Jacobsen

OS PEREGRINOS:
uma etnografia itinerante de tempos-espço e lutas em Porto Alegre

PORTO ALEGRE
2014

Gabriela Guerra Jacobsen

OS PEREGRINOS:

uma etnografia itinerante de tempos-espço e lutas em Porto Alegre

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção de grau de Bacharel em Ciências Sociais, pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Cornélia Eckert

PORTO ALEGRE
2014

CIP - Catalogação na Publicação

Jacobsen, Gabriela Guerra
OS PEREGRINOS: uma etnografia itinerante de
tempos-espço e lutas em Porto Alegre / Gabriela
Guerra Jacobsen. -- 2014.
116 f.

Orientadora: Cornélia Eckert.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas, Bacharelado em
Ciências Sociais, Porto Alegre, BR-RS, 2014.

1. Cidade. 2. Espaço público. 3. Gentrificação. 4.
Peregrinação e produção de imagem. I. Eckert, Cornélia
, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Gabriela Guerra Jacobsen

OS PEREGRINOS:
uma etnografia itinerante de tempos-espço e lutas em Porto Alegre

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção de grau
de Bacharel em Ciências Sociais, pelo Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

FOLHA DE APROVACAO

Banca Examinadora

Cornelia Eckert
Orientadora
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

ANA PAULA MARCANTE SOARES
BIEV UFRGS

DEBORA ALLENBRANDT
PNPD CAPES PPGAS IFCH UFRGS

RUMI KUBO
Departamento de Economia UFRGS

*O universo se expande infinitamente até o verso
era uma flor enorme e branca e azul sobre a cidade
não era nem uma flor, era a memória da flor.*

Memória da Flor, Jr. Almeida e Zé Paulo

RESUMO

Esta monografia trata de um processo de formação de iniciação científica e de extensão em antropologia visual e antropologia urbana. Descrevo a experiência de formação e atuação em antropologia visual e urbana no Núcleo de Antropologia Visual e no Banco de Imagens e Efeitos Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) . Também relato a experiência de campo em pesquisa etnográfica em projeto de extensão com pessoas que habitam as ruas da cidade de Porto Alegre. Trata-se de uma discussão sobre as formas de vida do contexto urbano, as negociações entre variados agentes sociais na coprodução do espaço público, permeada pela interação entre hegemonia e resistência; gentrificação no contexto urbano e peregrinação de habitantes nas ruas.

Palavras-chave: Cidade. Espaço público. Gentrificação. Peregrinação e produção de imagem.

ABSTRACT

This monographic concerns about the formation process in scientific initiation and extension in visual anthropology and urban anthropology. I describe the experience of formation and actuation in visual anthropology and urban anthropology in the Nucleus of Visual Anthropology and the Bank of Image and Visual Effects of University Federal of Rio Grande do Sul (UFRGS). I also relate the experience in the field of ethnographic research in a project of extension with people that inhabit the streets of Porto Alegre city. It discuss about the forms of living in the urban context, the negotiations between various social agents in the coproduction of the public space, permeated by the interaction among hegemony and resistance; gentrification in the urban context and inhabitant's peregrination in the streets.

Key-words: City. Public space. Gentrification. Peregrination and image production.

INDICE DE IMAGENS

Imagem 1 - Printscreen do site do BIEV, dezembro de 2014.....	18
Imagem 2 - Galeria Olho Nu, março de 2014. - Acervo NAVISUAL.....	20
Imagem 3 - Exposição <i>O Acampamento Farroupilha e a legitimação do tradicionalismo gaúcho através de um ensaio fotográfico</i> de Fabrício Barreto, Galeria Olho Nu, setembro de 2013. - Acervo NAVISUAL.....	22
Imagem 4 - Autora da exposição, Galeria Olho Nu, 2014. - Acervo NAVISUAL.....	23
Imagem 5 - <i>Flyer</i> de divulgação exposição <i>Entre trilhos e temporalidades uma etnografia visual da memória do trabalho dos ferroviários no espaço urbano de Porto Alegre</i> de Yuri Rapkiewicz, postado em minha própria <i>timeline (printscreen)</i> . - Acervo NAVISUAL.....	23
Imagem 6 - Exposição <i>O Acampamento Farroupilha e a legitimação do tradicionalismo gaúcho através de um ensaio fotográfico por Fabrício Barreto, Galeria Olho Nu, setembro de 2013. - Acervo NAVISUAL.....</i>	24
Imagem 7 - Exposição <i>Vila Dique, entre o transitório e o permanente</i> , por Débora Wobeto, Galeria Olho Nu, 2014. Por Fabrício Barreto.....	25
Imagem 8 - Exposição narrada <i>Observações Visuais Reflexivas 1</i> por Milton Guran, Galeria Olho Nu, março de 2014. Por Fabrício Barreto.....	26
Imagem 9 - Exposição <i>Entre trilhos e temporalidades uma etnografia visual da memória do trabalho dos ferroviários no espaço urbano de Porto Alegre</i> , Galeria Olho Nu, outubro de 2013. - Acervo NAVISUAL.....	26
Imagem 10 - Início da montagem da exposição <i>Vila Dique, entre o transitório e o permanente</i> de Débora Wobeto, NAVISUAL , 2014. - Acervo NAVISUAL.....	27
Imagem 11 - montagem coletiva da exposição <i>Observações Reflexivas 1</i> de Milton Guran, Galeria Olho Nu, março de 2014. - Acervo NAVISUAL.....	28
Imagem 12 - Montagem coletiva da exposição <i>Entre trilhos e temporalidades uma etnografia visual da memória do trabalho dos ferroviários no espaço urbano de Porto Alegre</i> , antiga sala do NAVISUAL, outubro de 2013. - Acervo NAVISUAL.....	29
Imagem 13 - Montagem coletiva exposição <i>Acampamento Farroupilha e a legitimação do tradicionalismo gaúcho através de um ensaio fotográfico</i> , setembro de 2013. - Acervo NAVISUAL.....	30
Imagem 14 - Companheira de NAVISUAL , Galeria Olho Nu, 2014. Por Fabrício Barreto.....	31
Imagem 15 - Saída de campo <i>Na Porto Alegre da Copa, os ritmos de construção destrutiva ou destruição construtiva</i> , Av. Padre Cacique, 2013. Por Fabrício Barreto.....	33
Imagem 16 - Saída de campo Av. Padre Cacique: <i>Na Porto Alegre da copa os ritmos de construção destrutiva ou destruição construtiva</i> . Por Gabriela Jacobsen, 2013.....	35
Imagem 17 - Processo de expografia: seleção conceitual das fotos <i>Na Porto Alegre da copa ritmos de construção destrutiva ou destruição construtiva</i> , NAVISUAL , outubro de 2014. - Acervo NAVISUAL.....	36
Imagem 18 - Escolha coletiva (seleção conceitual) para a exposição das fotos <i>Na Porto Alegre da Copa, os ritmos de construção destrutiva ou destruição construtiva</i> , NAVISUAL , outubro de 2014. Por Fabrício Barreto.....	37
Imagem 19 - Montagem coletiva da exposição <i>Na Porto Alegre da copa os ritmos de construção destrutiva ou destruição construtiva</i> , dezembro de 2014. - Acervo NAVISUAL.....	39
Imagem 20 - Mesa de montagem: ferramentas necessárias para a montagem da expografia <i>Na Porto Alegre da copa os ritmos de construção destrutiva ou destruição construtiva</i> , destaque para o <i>croquis</i> de disposição das fotos, NAVISUAL, dezembro de 2014. - Acervo NAVISUAL.....	40

Imagem 21 - Oficina ministrada pela equipe <i>Narrativas Fotográficas: contando histórias com imagens Maré de Arte, Tramandaí, 2014.</i> - Acervo NAVISUAL.....	41
Imagem 22 - Oficina ministrada pela equipe <i>Narrativas Fotográficas: contando histórias com imagens Maré de Arte, Tramandaí, 2014.</i> - Acervo NAVISUAL.....	42
Imagem 23 - Oficina ministrada pela equipe <i>Narrativas Fotográficas: contando histórias com imagens Maré de Arte, Tramandaí, 2014.</i> - Acervo NAVISUAL.....	43
Imagem 23 - Oficina ministrada pela equipe <i>Narrativas Fotográficas: contando histórias com imagens Maré de Arte, Tramandaí, 2014.</i> - Acervo NAVISUAL.....	44
Imagem 24 - Oficina ministrada pela equipe <i>Narrativas Fotográficas: contando histórias com imagens Maré de Arte, Tramandaí, 2014.</i> - Acervo NAVISUAL.....	45
Imagem 25 - Fim da jornada <i>Maré de Arte, Tramandaí, 2014.</i> - Acervo NAVISUAL.....	46
Imagem 26 - saídas de campo variadas entre 2013 e 2014. Etnografia da etnografia é uma das categorias trazidas pelo Glossário do BIEV, com a qual o grupo se diverte bastante. - Acervo NAVISUAL.....	46
Imagem 27 - Orla de Porto Alegre, Cais do Porto, 1888. Disponível em: www.skyscrapercity.com . Acesso em: 30 de nov. 2014.....	56
Imagem 28 - Praça da Alfândega (No suporte dvd imagem sonora da ambiência atual da Praça da Alfândega). Disponível em: www.campanicultural.com.br . Acesso em: 7 dez. 2014.....	57
Imagem 29 - Porto Alegre, 1906: Centro, Cidade Baixa, Bom Fim. Disponível em: www.proweb2.procempa.com.br . Acesso em: 7 dez. 2014.....	59
Imagem 30 - <i>Printscreen</i> do mapa <i>google earth</i> , mosaico de imagens do Centro de Porto Alegre. Disponível em: www.googleearth.com . Acesso em: 9 dez. 2014.....	60
Imagem 31 - Rua Marechal Floriano Peixoto em 1911, Centro. Disponível em: www.skyscrapercity.com . Acesso em: 30 nov. 2014.....	61
Imagem 32 - Vista da Praça da Matriz (entre as ruas Duque de Caxias e Riachuelo), 1934. Disponível em: www.skyscrapercity.co . Acesso em: 30 nov. 2014.....	62
Imagem 33 - Enchente de 1941, Avenida Mauá, Centro. Disponível em: www.skyscrapercity.com . Acesso em: 30 nov. 2014.....	63
Imagem 34 - Processo de verticalização, Centro. Disponível em: www.bibliotecaibge.com.br . Acesso em: 6 dez. 2014.	64
Imagem 35 - Esquina da Avenida Borges de Medeiros com Rua Sete de Setembro em 1937, Centro. Disponível em: www.skyscrapercity.com . Acesso em: 30 nov. 2014.	64
Imagem 36 - Avenida Borges de Medeiros (no “moderno” estilo boulevard). Disponível em: www.bibliotecaibge.gov.br . Acesso em: 6 dez. 2014.....	65
Imagem 37 - Vista aérea, Centro, 1950: Mercado Público e Prefeitura. Disponível em: www.skyscrapercity.com . Acesso em: 30 nov. 2014.	66
Imagem 38 - Vista da Rodoviária, Centro. Disponível em: www.bibliotecaibge.gov.br . Acesso em: 6 dez. 2014.....	68
Imagem 39 - Casario do Centro. Disponível em: www.campanicultural.com.br . Acesso em: 7 dez. 2014.	69
Imagem 40 - Ponte de Pedra Centro/Cidade Baixa. Disponível em: www.proweb2.procempa.com.br . Acesso em: 7 dez. 2014.....	69
Imagem 41 - Cidade Baixa: Solar Gravataí Acervo Museu Joaquim José Felizardo/Fototeca Sioma Breitman.....	70
Imagem 42 - Rua João Alfredo. Disponível em: www.campanicultural.com.br . Acesso em: 6 dez. 2014.....	71
Imagem 43 - Antiga Rua da Varzinha, Cidade Baixa. Fotografia de Leonid Stralianev.	

Disponível em: < www.campanicultural.com.br >. Acesso em: 6 dez. 2014.....	72
Imagem 44 - Carnaval de Rua, Cidade Baixa. Disponível em: < www.lproweb.procempa.com.br >. Acesso em: 7 dez. 2014.....	73
Imagem 45 - <i>Printscreen</i> do mapa <i>google earth</i> , mosaico de imagens da Cidade Baixa de Porto Alegre. Disponível em: < www.googleearth.com >. Acesso em: 9 dez. 2014.....	74
Imagem 46 - Espera para a apresentação Tertúlia 2013. Eu e Pedro, colega de projeto e companheiro em muitas situações etnográficas decisivas para esta pesquisa. Eu intensidade, ele constância; eu <i>ar</i> , ele <i>terra</i> ; ele homem, eu mulher. Ao longo deste trabalho, serão narradas algumas das “aventuras” compartilhadas. Por Pepe Martini.....	81
Imagem 47 - Reuniões no SIMPA, 2013. Por Gabriela Jacobsen.....	83
Imagem 48 - Folder distribuído para divulgação do seminário.....	88
Imagem 49 - Manifestação <i>Não Vai Ter Copa</i> , Pedro, Bxxo, eu e militante do MNPR, em 12 de junho (dia da abertura da Copa FIFA) de 2014.....	93
Imagem 50 - Fotografia da fotografia tirada semanas anteriores a este dia. Txxxa tem uma cópia impressa e fez questão de mostrar que guardava junto aos seus pertences, em uma pasta, em sua mochila. Prontamente lhe pedi para fazer esta imagem, em uma sexta de reunião do MNPR, 2014.....	106
Imagem 51 - Saindo da Escola Porto Alegre. Por Douglas Freitas, novembro 2014.....	109
Imagem 52 - <i>Metamorfoses</i> . Por Douglas Freitas, 2014.....	114

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 FILIAÇÃO E VIVÊNCIA NO NAVISUAL /BIEV: sobre agentes epistêmicos, teóricos, metodológicos e intersubjetividades	18
2.1 BIEV	18
2.2 NAVISUAL	19
2.3 DO PROCESSO DE EXPOGRAFIA	20
2.4 DO PROJETO - <i>Na Porto Alegre da Copa, os ritmos de construção destrutiva ou destruição construtiva: oficina de etnografia audiovisual no NAVISUAL , 2013 e 2014</i>	31
2.5 DA MONTAGEM	37
2.6 DA SITUAÇÃO EPISTÊMICA E TEÓRICO-METODOLÓGICA	46
2.7 DA MEDIAÇÃO AUDIOVISUAL	48
3 AS FORMAS URBANAS DA E NA CIDADE DE PORTO ALEGRE	51
3.1 DO ESTUDO DE SOCIEDADES COMPLEXAS	51
3.2 DA ANTROPOLOGIA URBANA BRASILEIRA	53
3.3 DA GENEALOGIA DO UNIVERSO: uma <i>fotocronologia</i> do processo de urbanização de Porto Alegre, as <i>feições</i> Centro e Cidade Baixa	55
3.3.1 O centro	60
3.3.2 A cidade baixa	70
3.4 SOBRE URBANIZAÇÃO E MARGINALIDADE NAS CIDADES BRASILEIRAS.....	74
3.5 Da arte de governar: gentrificação e espaço público	77
4 PEREGRINOS: retomando diários e a produção com imagens	81
4.1 INQUIETAÇÕES ETNOGRÁFICAS: as questões que guiam o <i>antes</i> , o <i>durante</i> e o <i>depois</i> do <i>campo</i>	82
4.2 AS LUTAS DO MNPR	83
5 PAISAGENS E TERRITÓRIOS PEREGRINOS	95
5.1 A ALDEIA	95
5.2 A MATRIZ	99
5.3 ITINERÁRIOS <i>PEREGRINOS</i>	106
5.4 INTERPRETAÇÕES E QUESTIONAMENTOS	111
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
Referências bibliográficas	115

1 INTRODUÇÃO

Este TCC trata da minha experiência como pesquisadora de iniciação em antropologia no Núcleo de Antropologia Visual (NAVISUAL) durante meu curso de Ciências Sociais. Neste período também participei como pesquisadora em outro projeto de Extensão na UFRGS sob a coordenação da Professora Patrice Schuch¹. Graças a esta participação conheci um grupo social em que desenvolvi exercícios etnográficos. Tanto minha experiência de pesquisa no Navisual quanto no projeto de Extensão, tiveram por espaço privilegiado o contexto da cidade de Porto Alegre. O desenvolvimento da disciplina de Antropologia Urbana me trouxe, neste sentido, os subsídios necessários para tratar da questão de desenvolver etnografia em contexto urbano.

Desta feita, dedico este estudo a refletir sobre o meu processo de formação em antropologia da imagem e antropologia urbana. Por um lado, destacarei a minha experiência no Navisual, por outro lado, trarei dados do meu exercício junto a grupos sociais que circulam em situações de rua no centro da cidade e em bairro próximo. Estes sujeitos são pessoas que fazem da Rua seu espaço de existência. O meu interesse neste tema, na realidade, vem de muito antes do meu ingresso no curso de Ciências Sociais da UFRGS. Habitante do Centro Histórico de Porto Alegre durante grande parte da minha trajetória, a proximidade com estes sujeitos estigmatizados pela discriminação social e exclusão provoca-me profundo estranhamento e curiosidade que, ao longo do exercício das minhas próprias práticas cotidianas - inseridas em outros mundos socioculturais (classe média urbana etc.) caracterizados por suas preocupações específicas-, são adormecidos pela progressiva consciência *blasé*: cunhada por Georg Simmel (1902), em seus estudos sobre a vida mental nas grandes metrópoles, caracteriza a atitude provocada pelo excesso de informação e assimetrias socioculturais entre os entes

1

Em 2013 engajo-me no projeto de Extensão “Moralidades e Subjetividades nos Circuitos de Atenção à População em Situação de Rua”. Uma iniciativa da pesquisadora Patrice Shuch, circunscrita nos estudos sobre cidadania do NACI, que visa a compreensão do cotidiano das políticas nos circuitos de atenção à “população em situação de rua”- com enfoque para as avaliações e construções morais dos próprios atores envolvidos. Assim, a proposta do projeto evidencia a valorização das práticas, das subjetividades e das agências políticas dos sujeitos, bem como seu devido protagonismo no processo de construção do conhecimento.

urbanos, pela qual a indiferença aparece enquanto autodefesa aos contrastes e descontinuidades enfrentados cotidianamente. O redespertar do estranhamento curioso vem se consolidando na convivência com o Núcleo de Antropologia e Cidadania (NACI) e com NAVISUAL², núcleos de pesquisa do Departamento de Antropologia da UFRGS.

Em 2012, entro em contato mais estreito com a área de Antropologia Urbana e seus estudos sobre a agitada e polissêmica vida metropolitana. Muito tocada pelos territórios estéticos da cidade - fruto dos movimentos não lineares, percursos afetivos, estéticos e políticos de seus habitantes - e pela impossibilidade que enxergava de lhes descrever apenas em palavras escritas, encontro na Antropologia Audiovisual um escape criativo. Consequentemente, começo a participar do NAVISUAL. Neste grupo, aprofundo conhecimentos sobre imagética, etnografia hipermídia, processo documental de memórias coletivas e, principalmente, compartilhamento em campo- tanto com os colaboradores e as dinâmicas envolvidas na ética da restituição, quanto com os outros pesquisadores que desenvolvem trabalhos conjuntamente.

Logo, a presente proposta de pesquisa é permeada por múltiplas áreas de interesse e possibilidades, coerente com a não linearidade da produção de conhecimento sobre *vidas humanas* possíveis.

Integrantes das camadas mais baixas na hierarquia de uma sociedade extremamente especializada, controlada e domesticada, elas conseguem viver e reproduzir-se, driblando as regras formais do mercado e do trabalho, adaptando-se às condições sócio-ecológicas da cidade e tirando proveito de seus desperdícios (MAGNI, 1994).

Em relação às pessoas que fazem da *Rua* seu espaço de existência, inseridas nas complexas teias urbanas- *práticas, afetos e intervenções*³-, pretendo evidenciar as experiências que este primeiro ano e meio em *campo* proporcionaram-me “junto” a elas. Sigo o caminho de outros pesquisadores⁴ em relação à problemática da *itinerância*⁵ urbana na perspectiva hegemônica do sedentarismo, e disto minha opção em problematizar esta situação vivida a partir da categoria êmica

2 Ver: Núcleo de Antropologia e Cidadania www.ufrgs.br/naci e Núcleo de Antropologia Visual www.ufrgs.br/ppgas/nucleos/navisua

3 Estes conceitos serão retomados nos próximos capítulos desta monografia.

4 Costa (2006), Lucca (2007), Kasper (2006), Magni (1994 e 2006) e Schuch (2007, 2008, 2012).

5 As práticas do *Nomadismo Urbano* (MAGNI, 1994) serão apresentados no capítulo 3.

de *peregrinos*.

Segundo uma das interlocutoras: *a rua escapa*. Assim, a Rua é um *lugar praticado* (De Certeau, 1984), sendo nas práticas cotidianas das diversas formas de existir, habitar e imaginar espaços *públicos*⁶ urbanos que são construídos *territórios*⁷ e *paisagens*⁸ possíveis na(s) cidade(s) de Porto Alegre. São *mapas mentais*⁹ de múltiplos *tempos-espaço* que se perfazem e se sobrepõem na memória e nas narrativas destes que, tão constante e intensamente, situam-se em processos de construção, destruição e reconstrução de seus *territórios*.

A etnografia de rua, proposta por Eckert e Rocha (2013a) consiste na formação recebida nas duas oficinas de antropologia visual que participei em 2013 e 2014. A etnografia de rua pressupõe um exercício de deslocamento do olhar, da escuta e das imagens da cidade e de si. São exercícios em equipe, que implicam em processos coletivos de formação e discussão.

A polissemia da *Rua* é marcada pelo movimento, deslocamento, mobilidade. Os percursos e os itinerários tracejam artefatos fragmentados de *urbe*-desenhos descontínuos “que figuram no tempo-espaço imaginado das memórias e das narrativas, sobrepondo passado, presente e futuro” (Eckert e Rocha, 2013, p. 13). Das transformações do espaço físico, material seguem *vestígios*¹⁰ imateriais. Portanto, esta pesquisa também se filia às propostas das Etnografias *de Rua e da Duração*. Levando-se em conta a observação das *formas*¹¹ de Porto Alegre, podemos considerar que a experiência etnográfica *da e na Rua* nasce como fruto dos percursos e itinerários cotidianos (complexos relacionais de tempo e espaço), através das distintas fruições estéticas de lugares e espaços da cidade que cada sujeito imbricado coloca em interação na etnografia. Isto anuncia a interioridade da

6 De acordo com a modernidade ocidental- definido por um urbanismo profilático com poder de controle social, fortemente desenvolvido no ocidente em meados dos séculos XVIII e XIX- é tanto, ou mais, um espaço político, quanto um espaço físico; lugar de uso comum (?), de circulação e de passagem. Esta discussão será aprofundada no cap.2.

7 Diversos modos de inserção urbana, os quais envolvem adaptação e adequação do espaço-tempo às próprias práticas cotidianas.

8 Segundo Simmel: “As paisagens são locais onde nos reconhecemos, onde há sentido a partir de conexões que se faz com o que se é e o que se identifica do que se é nesse lugar externo”. Conceito retomado no capítulo 2.

9 Para De Certeau, são jogos da memória do percurso cotidiano em face à ameaça de perda da continuidade física dos trajetos.

10 Ideia trazida por Walter Benjamin para os estudos da memória e narrativa.

11 Perspectiva epistemológica formista de Michel Maffesoli, que aposta na compreensão da polissemia do dado social no estudo das metrópoles contemporâneas.

experiência temporal enquanto condição da produção etnográfica¹²: as conversas entre colaboradores e pesquisadores deslocam os diferentes tempos (vividos, lembrados, imaginados) e as múltiplas prerrogativas estéticas- oriundas dos jogos da memória; a produção textual da etnografia- variadas formas de leitura e escrita- é *ritmada pela multiplicidade de tempos que a elaboram* (Eckert e Rocha, 2013b). Sendo assim, a etnografia em hipermídia: fragmentos de variados textos- escritos e em imagens (visuais e sonoras) - caracteriza-se enquanto a principal forma de tratamento documental nesta pesquisa. Isto porque a reunião semântica de diversas mídias, oriundas de tempos e espaços diversos, nos permite a construção de um *olhar* e de uma *escuta - rompimentos de si mesmo* (Ricoeur, 1983, Eckert e Rocha, 2013b) - essenciais para a produção de imagens do *outro* em seu *tempo-espaço* no mundo contemporâneo, em que a própria antropóloga é narradora do processo temporal da pesquisa, uma mediadora entre mundos de sentidos de unidades e de fragmentações, entre relações de conflito e tensões políticas, trajetórias e projetos de vida (Eckert e Rocha, 2013; Velho, 1993).

Neste sentido, o empenho está em construir um estudo espaço-temporal dos arranjos interpretativos dos colaboradores em suas complexas dinâmicas da *Rua*. Por um lado relatar minha experiência no NAVISUAL, por outro lado relatar a experiência de estar na “peregrinação” junto aos *peregrinos*, conforme já enunciado acima, um conceito êmico pelo qual muitos indivíduos se autodenominam – e que implica formas de existir a *Rua*. Tais quais dependem de narrativas específicas de si mesmo - elementos autobiográficos que assegurem certas características singulares a uma identidade forjada na e para a *Rua* – compostas de um imaginário do que é ser *povo da Rua*. Daí, as questões de *memória coletiva, imaginário, identidade e pertencimento* conectados à vida da *Rua*.

Tais sentidos guiam minhas perguntas e interações em campo. Sempre em busca de trazer para o universo da pesquisa, na observação participante e na construção de vínculos compreensivos mais espessos, uma interlocução mais horizontal: na qual os sujeitos são colaboradores. Para que essas “ambições” epistemológicas - rupturas enquanto integrantes imprescindíveis na duração de uma coisa em outra (Bachelard, 1988) - se caracterizem em uma produção de

12 Ver ECKERT C., ROCHA A.L.C. *A interioridade da experiência temporal do antropólogo como condição da produção etnográfica*. 1998

conhecimento mais simétrica, tanto com os colaboradores, quanto com os possíveis leitores/expectadores, proponho a construção de material hipermídia compartilhado (tentativa).

Para tanto, o esforço desta monografia compreende relatos das observações participantes, fragmentos dos diários de campo em diferentes linguagens textuais (escritos, visuais e sonoros), mapas, desenhos, reportagens e “testemunhos digitais” (páginas da *web*, entre *sites* e redes sociais). As distintas mídias apresentadas evidenciam as camadas temporais que compõem a produção de conhecimento-observação, análise, interpretação, tratamento documental. O diálogo entre elas (*links/hiperlinks*) nos permite um *tratamento criativo da realidade* (Devos e Rocha, 2009), situando o leitor/expectador no contexto das diversas narrativas que constituem um universo de pesquisa.

Os capítulos presentes buscam apresentar tal universo de uma maneira integrada e relacional, demonstrando algumas das suas variadas dimensões. A tentativa é construir um mosaico do experienciado, bem como evidenciar a multiplicidade de cores do prisma *Rua*: suas facetas à luz de categorias teóricas condizentes ao *visto* e ao *ouvido* em campo.

O primeiro capítulo tratará da experiência nos núcleos e as questões da aprendizagem em etnografia; também de uma discussão teórico-metodológica em relação à mediação audiovisual, baseada nas filiações do Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV) e NAVISUAL e na dinâmica das atividades desenvolvidas pelo grupo. A saber, o projeto que trata das noções que regem o espaço público, intitulado *Na Porto Alegre da Copa, os ritmos de construção destrutiva ou destruição construtiva: oficina de etnografia audiovisual no Navisual, 2013 e 2014*, de autoria de Cornelia Eckert; e o processo de expografia desenvolvido para a Galeria Olho Nu¹³. O segundo, será pautado pela Antropologia Urbana: os elementos socioculturais característicos de sociedades complexas (suas formas *sensíveis*); a urbanização no Brasil e suas implicações para a questão da *marginalidade*; uma reflexão sobre a *governamentalidade* e sua forma hegemônica de pensar e gerir o espaço urbano: *gentrification* e espaço público. No terceiro, retomo fragmentos de diários de campo, criando uma narrativa hipermídia sobre a vivência com os *peregrinos*. Nas

13 Ver: <http://www.ufrgs.br/ppgas/portal/index.php/pt/producao-cientifica/exposicoes>, última consulta em 3 de dezembro de 2014.

considerações finais, percepções sobre as inversões da relação entre sujeito-pesquisado e sujeito-pesquisador; e os possíveis caminhos desta *viagem* intersubjetiva no cenário de sociedades complexas, ora apontando para possibilidades vindouras deste estudo em seu âmbito global, ora apresentando propostas de tratamento criativo da realidade e extroversão do observado, sentido e absorvido nos ritmos da *duração* desta pesquisa. Por este motivo, o recurso à leitura intertextual: as letras e os bits/pixels; o folhear e o navegar; o papel impresso e o DVD.

Sendo esta uma “etnografia itinerante” *de e na rua* (Eckert e Rocha, 2013a), os variados *lugares* percorridos em seu trajeto, e a interação com seus *habitantes* serão mapeados nas relações, nas subjetividades e nas práticas que as compõem.

2 FILIAÇÃO E VIVÊNCIA NO NAVISUAL /BIEV: sobre agentes epistêmicos, teóricos, metodológicos e intersubjetividades.

Neste capítulo abordo minhas experiências enquanto aprendiz de etnógrafa audiovisual e ao que isto implica epistemo-metodologicamente.

2.1 BIEV

O Banco de Imagens e Efeitos Visuais tem como principal objetivo

[...] a compreensão da pluralidade e da diversidade de memórias coletivas que figuram o patrimônio etnológico do mundo urbano. Esta proposta de produção intelectual privilegia o estudo das formas singulares e plurais de construção de tempos sociais vividos na cidade, a partir do estudo de memórias e identidades sociais, práticas e saberes de indivíduos e grupos diversos, tais quais responsáveis pelo agenciamento cotidiano dos dramas da vida urbana¹⁴.



Imagem 1 - Printscreen do site do BIEV, dezembro de 2014.

Os paradigmas adotados compõem a Antropologia do Imaginário e a Sociologia das Formas Sensíveis da vida social. O BIEV e o NAVISUAL neste interim seguem os estudos de Gilbert Durand e de Pierre Sansot conforme o texto das coordenadoras sobre etnografia da duração (Eckert e Rocha, 2013b). Neste espectro, a rítmica do caráter ético e estético dos complexos culturais urbanos é perfazida pelas novas tecnologias digitais e eletrônicas e pelo tratamento multimídia e hipermídia de coleções etnográficas. A *coleção* traz a ideia de descoberta da pertença das imagens e como estas “conversam” entre si, ou seja, o campo semântico formado por e entre elas. Tais coleções versam sobre memória coletiva, meio ambiente, cotidiano, formas de sociabilidade, itinerários, narrativas e estética urbana em sociedades complexas. Este processo é coordenado pela antropóloga Ana Luiza Carvalho da Rocha.

Neste *lugar* de investigação criativa, entre oficinas e trocas em torno da fruição e análise coletiva dos diários de campo, das fotografias, das filmagens e das palavras a presente pesquisa foi tomando forma e consciência de seus tempos e espaços, dos limites epistêmicos e intersubjetivos.

2.2 NAVISUAL

O Núcleo de Antropologia Visual desenvolve pesquisas antropológicas nas quais os recursos audiovisuais se consolidam enquanto importantes instrumentos teórico-metodológicos - seja a fotografia, a videografia ou as novas tecnologias digitais. É um espaço de discussão do uso de técnicas audiovisuais e divulgação do material produzido por pesquisadores, que visa dinamizar a utilização de recursos audiovisuais, bem como fornecer recursos técnicos e teóricos, orientação prática e incentivo à aplicação das técnicas audiovisuais¹⁵. O NAVISUAL é responsável pela Galeria Olho Nu, criada com o intuito de

15 Fonte: projeto NAVISUAL, www.navisual.ufrgs.br, consulta em dezembro de 2014.

promover exposições fotográficas sobre os diversos universos da pesquisa antropológica e suas narrativas.

2.3 DO PROCESSO DE EXPOGRAFIA

O conceito expografia refere-se à ambientação, à expressão, à tradução de uma linguagem que vise a evidência, a exposição de um programa científico. O termo é cunhado em 1993, visando a busca da criação de relações formais que expressem conteúdos propostos pela arte/prática da curadoria. Quando a curadoria pretende trazer para o debate um determinado tema, o profissional ou profissionais responsáveis pela expografia necessitam construir a melhor maneira de traduzir os conceitos deste tema. As formas de tradução podem se dar pelo ambiente criado para uma exposição: pelas cores escolhidas, pela tipografia, pela proporção dos e entre os elementos, pela cenografia (dramaticidade da iluminação, por exemplo), manipulando no suporte expográfico as emoções e sentidos relacionados ao que se quer dizer sobre o tema da exposição.

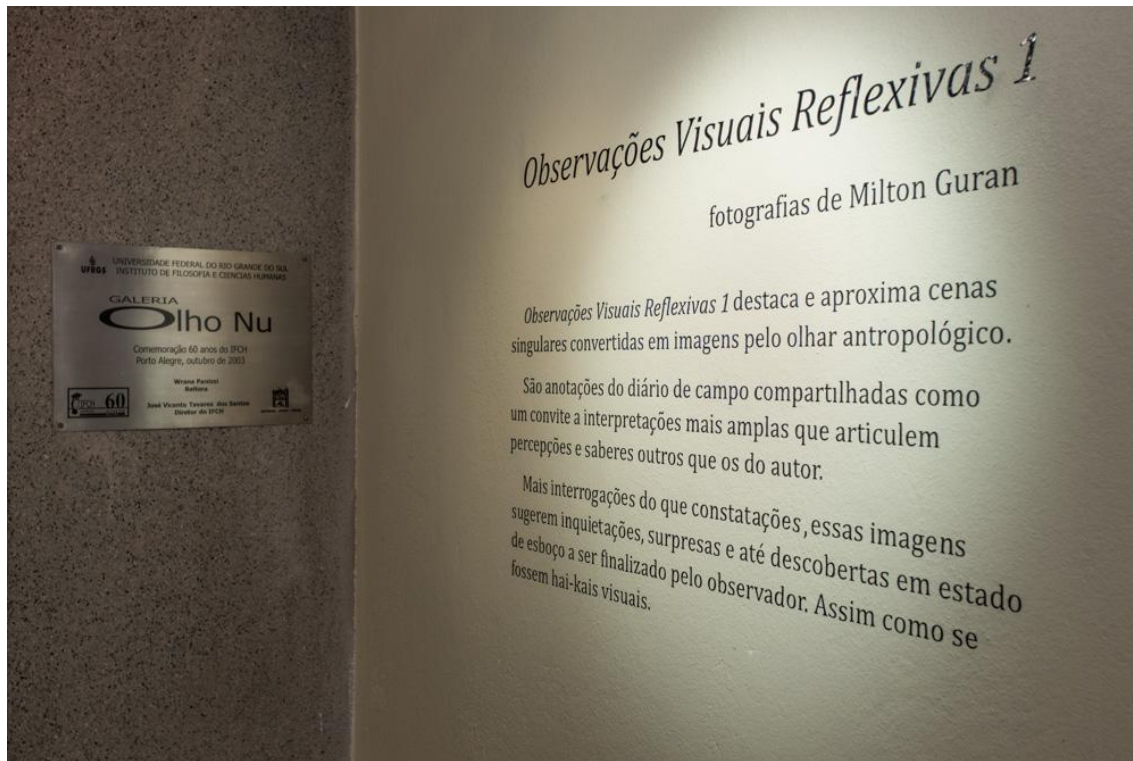


Imagem 2 - Galeria Olho Nu, março de 2014. - Acervo NAVISUAL.

Na perspectiva navisualina, a expografia de narrativas fotográficas é então nominada de narrativa etnofotográfica e se constitui enquanto principal contexto de restituição das interpretações científicas¹⁶ à sua comunidade de sentido (forma e conteúdo de categorias cognitivas, éticas, estéticas e práticas), sendo gestada no âmago de um projeto de extroversão de pesquisas, não apenas da gama antropológica, mas também das áreas afins. Este projeto vivencia sua “maioridade plena”, pois são 21 anos de *ocupação* do corredor D2 do IFCH por 12 quadros de diferentes dimensões¹⁷ nos sentidos horizontal e vertical, além da extrapolação criativa do *espaço* pela apresentação de variados outros suportes que, atualmente, são possibilitados pela dinâmica inovação tecnológica. As narrativas fotoetnográficas apresentadas na Galeria Olho Nu

¹⁶ A comunidade interpretativa evocada pelos núcleos na construção de seus *saberes e práticas* compreende os estudos sobre a poética da cidade, de Pierre Sansot; sobre o paradigma estético de Michel Maffesoli; sobre a sociologia das formas sensíveis de Georg Simmel; sobre a sociologia figuracional de Norbert Elias; sobre imaginação e imaginário de Gaston Bachelard, inspiração para a teoria dos saberes e práticas cotidianos de Michel De Certeau.

¹⁷ 80x80cm verticais; 4: 80x50cm horizontais

contam com uma construção coletiva, sem grandes dilemas em relação à curadoria, vivenciada pela(s) equipe(s) BIEV/NAVISUAL ao longo desta *duração*.



Imagem 3 - Exposição *O Acampamento Farroupilha e a legitimação do tradicionalismo gaúcho através de um ensaio fotográfico* de Fabricio Barreto, Galeria Olho Nu, setembro de 2013. - Acervo NAVISUAL.



Imagem 4 - Autora da exposição, Galeria olho Nu, 2014. - Acervo NAVISUAL.



Imagem 5 - Flyer de divulgação exposição *Entre trilhos e temporalidades uma etnografia visual da memória do trabalho dos ferroviários no espaço urbano de Porto Alegre* de Yuri Rapkiewicz,

postado em minha própria *timeline* (*printscreen*). - Acervo NAVISUAL.



Imagem 6 - Exposição *O Acampamento Farroupilha e a legitimação do tradicionalismo gaúcho através de um ensaio fotográfico* por Fabrício Barreto, Galeria Olho Nu, setembro de 2013. - Acervo NAVISUAL.



Imagem 7 - Exposição *Vila Dique, entre o transitório e o permanente*, por Débora Wobeto, Galeria Olho Nu, 2014. Por Fabrício Barreto.



Imagem 8 - Exposição narrada *Observações Visuais Reflexivas 1* por Milton Guran, Galeria Olho Nu, março de 2014. Por Fabrício Barreto.



Imagem 9 - Exposição *Entre trilhos e temporalidades uma etnografia visual da memória do trabalho dos ferroviários no espaço urbano de Porto Alegre*, Galeria Olho Nu, outubro de 2013. - Acervo NAVISUAL.



Imagem 10 - Início da montagem da exposição *Vila Dique, entre o transitório e o permanente* de Débora Wobeto, NAVISUAL, 2014. - Acervo NAVISUAL.



Imagem 11 - montagem coletiva da exposição *Observações Reflexivas 1* de Milton Guran, Galeria Olho Nu, março de 2014. - Acervo NAVISUAL.



Imagem 12 - Montagem coletiva da exposição *Entre trilhos e temporalidades uma etnografia visual da memória do trabalho dos ferroviários no espaço urbano de Porto Alegre*, antiga sala do NAVISUAL, outubro de 2013. - Acervo NAVISUAL.



Imagem 13 - Montagem coletiva exposição *Acampamento Farroupilha e a legitimação do tradicionalismo gaúcho através de um ensaio fotográfico*, setembro de 2013. - Acervo NAVISUAL.

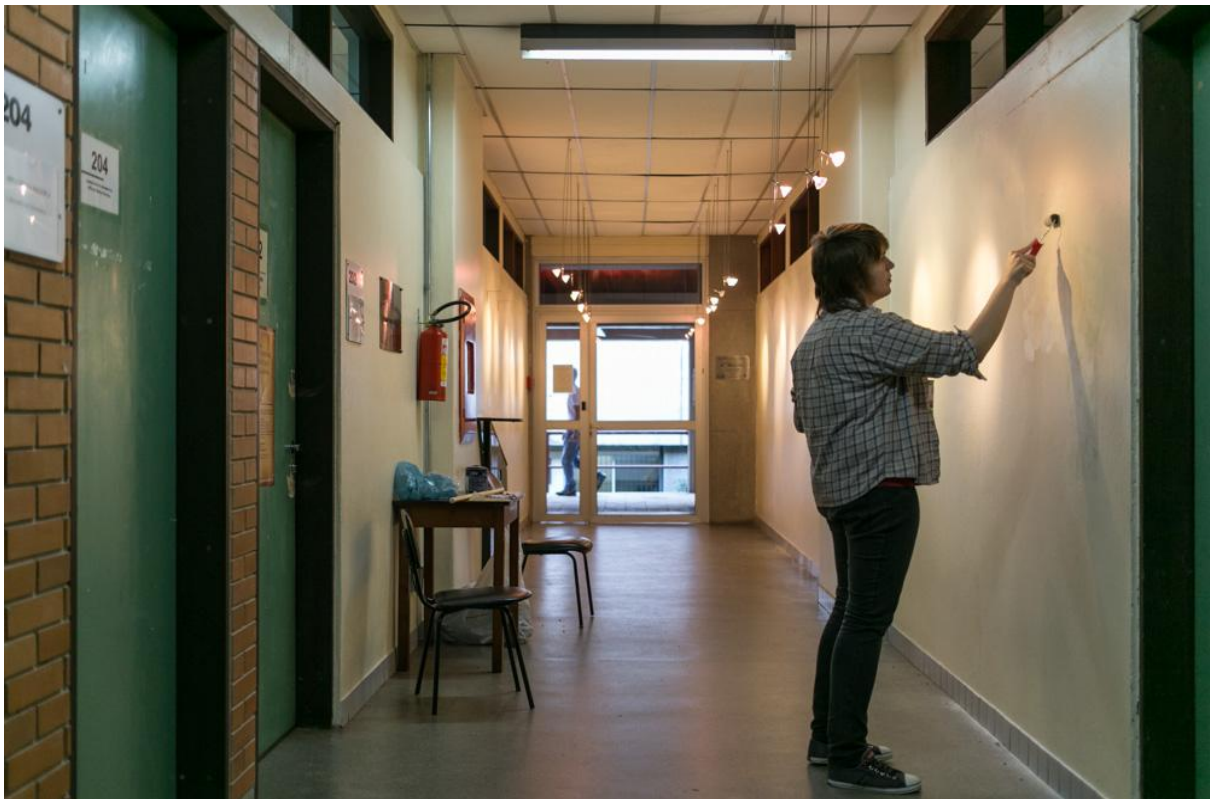


Imagem 14 - Companheira de NAVISUAL , Galeria Olho Nu, 2014. Por Fabrício Barreto.

2.4 DO PROJETO - *Na Porto Alegre da Copa, os ritmos de construção destrutiva ou destruição construtiva: oficina de etnografia audiovisual no NAVISUAL , 2013 e 2014*

Em 2013 e 2014 desenvolve-se uma oficina de formação que visa um processo pedagógico de construção coletiva de pesquisa na interface da antropologia urbana com a antropologia visual. O objetivo é fotoetnografar, utilizar os suportes audiovisuais para etnografar os ritmos de transformação urbana da cidade de Porto Alegre agenciados para a realização do megaevento esportivo Copa FIFA 2014. Neste cenário, região central e bairros sofrem intervenções com forte viés gentrificante: acionam-se equipamentos urbanos de toda sorte, quando não remoções, em claro privilégio à espetacularização do megaevento. Sendo assim, este exercício fotoetnográfico coletivo transcorre-se em tempos complicados, no qual se agudiza o conflito entre transformação

hegemônica, gentrificada e imposta e o direito à moradia e a paixão popular pela modalidade esportiva no “país do futebol”.

Esta condição pós-moderna... Quais seus limites? Ah! Estas práticas de governo, para onde nos levam? Ah! Esta complexa contemporaneidade, quais seus valores? Suas éticas? E por que estas tantas estéticas enobrecidas? É para o bem ou é para o mal? David Harvey explica que não podemos cair na paranoia da cidade vitimada pela racionalidade e automatização da produção, do consumo de massa de bens materiais. Mas a Porto Alegre das copas se transforma em 2013 em buracos, montes de terra, tratores, palco de sinais de impedimentos e mudanças de trânsito para reforma das vias urbanas, de transformações radicais de espaços públicos, em especial no circuito para as arenas do grande espetáculo futebolístico, objeto de anseios do capital internacional e de loucos por futebol (eu inclusive). Propomos acompanhar este ritmo de transformações [...]. (Eckert, apresentação da oficina, 2014).

As etapas da oficina constituem-se de múltiplas reflexões, debates em torno da memória coletiva dos habitantes em contextos citadinos, nas suas crises e durações, compreendendo, assim, a complexidade dos fenômenos gestados nas grandes metrópoles. A proposta segue em exercícios etnográficos nos diversos contextos de intervenções das reformas urbanas; em pesquisas de campo sistemáticas com fotografia, videografia e registro sonoro; em catalogação em categorias e palavras-chave (com referência no Glosário BIEV); nos registros e edições do material produzido; na elaboração de roteiros para a expografia; na montagem da expografia; na produção e publicação de artigos individuais e coletivos para revistas científicas e na participação da equipe para apresentação dos resultados da pesquisa na RBA e na ANPOCS 2014.



Imagem 15 - Saída de campo *Na Porto Alegre da Copa, os ritmos de construção destrutiva ou destruição construtiva*, Av. Padre Caciue, 2013. Por Fabrício Barreto.

RELATO DE CAMPO

Titulo do Projeto: *Na Porto Alegre da Copa, os ritmos de construção destrutiva ou destruição construtiva: oficina de etnografia audiovisual no NAVISUAL, 2013 e 2014.*

Titulo do Exercício Etnográfico: Desculpem o transtorno, estamos fotografando as obras

Cidade: Porto Alegre

Bairro: Menino Deus **Data:** 18/06/2013

Horários: 14:30 – 16:38 (turno tarde)

Autoria do relato: Roberta Simon

Equipe saída de campo etnográfico se for o caso: - Cornélia Eckert, Ronaldo Corrêa, Fabrício Barreto, Rumi, Gabriela Jacobsen, Pedro Paulo de Miranda Araújo Soares, Jean Pierre Pirote Silva.

Equipamento: iPhone 4S (marca Apple), distância focal e abertura automáticas; Canon EOS DIGITAL REBEL XT, Lente focal: 50,0 mm e 28-105 mm.

Ao meio dia peguei o ônibus T1 na Nilo Peçanha e fui até o cruzamento da av. Ipiranga com Av. Praia de Belas. Ali peguei a linha Praia de Belas, que me deixou embaixo do elevando com a av. José de Alencar. Passei numa padaria para comprar água e sanduíche. Encontrei o colega Yuri. Fomos em direção ao grupo (Cornélia, Ronaldo, Rumi, Fabrício, prof. Manuel, da UFG, que estava de passagem, seu

orientando Jean, Pedro e Gabriela) que vinha do almoço na TopCupCafé. Alguns já fotografavam esse encontro. Senti-me despreparada para a artilharia ;). Pus a mochila para frente e comecei a limpar as lentes da máquina, trocar para uma lente 50mm, que utilizei na maior parte do campo. O grupo chegou ao canteiro central da av. Praia de Belas e começou a se dispersar individualmente, em duplas e trios, cada qual buscando ângulos e olhares diferentes para as obras que aconteciam ao longo da avenida. Caminhamos em direção ao estádio de futebol Beira Rio, sede do Clube Internacional de Porto Alegre. Uns foram para a calçada, outros ficaram no canteiro e outros andavam próximo ao Parque da Marinha. Fazia um dia lindo de sol. Observando o lugar, resolvi ater-me primeiramente aos detalhes, aos vestígios de obra. Fiquei no canteiro entre as duas vias. Um rapaz veio em direção e perguntou o que estávamos fazendo, já que tinha visto várias pessoas tirando fotografias e ficou curioso. Expliquei que se tratava de uma pesquisa de Antropologia Urbana da UFRGS com objetivo de observar a cidade e suas obras no antes e depois da Copa. Ele disse que se chamava Renato e estudava Jornalismo na UFRGS. Um grupo seguiu mais rápido adiante. Ficamos para trás: Gabriela, Rumi, Fabrício e eu. Quando vi um homem rasgando um pano estendido no chão, aproximei-me e perguntei se ele fazia parte das obras. Disse que não, estava “plantando postes”. E enfatizou: “É isso mesmo, plantando!”. Explicou que estão mudando a rede de alta tensão, colocando postes novos e mais recuados. Perguntou que fazíamos e expliquei. Após aproximação do Fabrício com um trabalhador, um Chefe de ferragens- lendo jornal. Fragmentos-escolhas – fragmentos (o que significa). Fragmentos são formas de deslocar, não descontextualizar, mas dentro do contexto, criar novas possibilidades de alocação, sobreposição, articulação, flexibilização e posição. É um movimento que dispõe o objeto fotografado em novas camadas, criando novos versos para nossos olhares. Uma imagem fotográfica já é um fragmento do todo. Ela em si, como conceito, é um recorte, uma luz pontual sobre uma paisagem visual total. Não podemos cair na ilusão que uma fotografia de plano mais aberto mostra mais do que uma de plano fechado. Inclusive se usarmos as máquinas digitais que transformam tudo em mesmo número de pixels. Tecnicamente haverá tanta quantidade de bits uma imagem com grande número de postes, fios, pessoas e fatos, quanto uma de panos e fiapos. Fragmentar é respeitar o contexto em seu mais nobre detalhe, destacando-o. Os elementos que constituem o todo são sua base, seu fundamento, seu substrato que garantirá sua complexidade. As minorias que são ressaltadas, visibilizadas e politizadas no processo etnográfico. O que mostrar nessa saída de campo? O estádio ou a terra, a pedra, o barro, o buraco, a tela, o metal que o constitui? Sem o material bruto, não levantam paredes. Sem a costura, não há bola, nem futebol. Escolhas de enquadramento, de conversação, de luz. Uso das tecnologias, mudanças de máquina. Etnografia da rua. Pesquisa coletiva. Ao total, registrei 69 imagens com o aparelho iPhone e 285 com a Canon. Destas, 80 foram selecionadas para mostrar no encontro de terça-feira, dia 25 de junho. 2/07. Por Roberta Simon (diário compartilhado com o grupo, nos moldes do NAVISUAL)

Na sala do Navisual, em cada parte da oficina, discutem-se as saídas de

campo, os roteiros, *as motivações conceituais e as vontades temáticas* (Eckert, 2014), a longa trajetória de um projeto coletivo.



Imagem 16 - Saída de campo Av. Padre Caciique: *Na Porto Alegre da copa os ritmos de construção destrutiva ou destruição construtiva*. Por Gabriela Jacobsen, 2013.

A cada retorno a apresentação das imagens, classificadas pelos pesquisadores, organizando-se uma grande *constelação* sobre os ritmos de transformação urbana no contexto Copa FIFA 2013/2014. Inicia-se o processo de seleção conceitual (um complexo e trabalhoso exercício coletivo).



Imagem 17 - Processo de expografia: seleção conceitual das fotos *Na Porto Alegre da copa ritmos de construção destrutiva ou destruição construtiva*, NAVISUAL , outubro de 2014. - Acervo NAVISUAL.

A narrativa é elaborada a partir dos diversificados pontos de vista, da variedade dos *clics*, enfoques e enquadramentos. Como contar uma história a partir de um conceito/eixo orientador? São necessárias muitas reuniões para a narrativa ir tomando sua legítima forma e conteúdo. Ela vai sendo montada tal qual atos de *bricolagem*: muitas vozes se misturam, num mar intersubjetivo de influências, referências, confusão e fusão.



Imagem 18 - Escolha coletiva (seleção conceitual) para a exposição das fotos *Na Porto Alegre da Copa, os ritmos de construção destrutiva ou destruição construtiva*, NAVISUAL, outubro de 2014. Por Fabrício Barreto

2.5 DA MONTAGEM

Na mesa do Navisual são dispostas todas as fotos impressas para serem selecionadas por categorias e palavras-chave, de acordo com a interface antropologia urbana- antropologia visual, priorizando o tema do projeto, as transformações urbanas: trabalho, ritmos temporais, patrimônio, personagens, restituição, ruínas, placas, etnografia da etnografia, *desapego*¹⁸ etc.

Então seguem-se duas etapas trabalhosas que demandam dedicação extra: separam-se as fotografias por autoria e se coloca um fundo de cor para cada tamanho: são 14 fotografias de dimensão 30x40cm; 72 de 15x21cm e 84

18 Esta “categoria” é criada pela equipe devido à dificuldade em selecionar, todas as fotos são valorizadas enquanto sua potência simbólica e estética, o *apego* sentimental pela expressão criativa dos companheiros por vezes torna-se um obstáculo à continuidade do processo de escolha.

de 20x30cm. Por que estes diferentes tamanhos? As fotografias dispostas perto do chão, por exemplo, e as fotografias de detalhes, como placas, precisam ser maiores para que componham o cenário da exposição trazendo a ambiência do local no qual as imagens foram capturadas. Assim, montam-se dois *croquis* referência impressos em papel fotográfico tamanho 20x40cm, com as imagens em proporção, nos quais a fotografia já se encontra na sua forma narrativa, servindo como guia para a disposição das fotografias nas paredes da Galeria Olho Nu. Alguns ajustes mostram-se necessários, como o clareamento de partes muito escuras e vice-versa.

A construção da narrativa é pensada na proposta de um mosaico, compondo uma constelação de sentido pela composição das imagens. As fotografias dissonantes são colocadas em evidência separadamente das outras. Qual história contar com elas, quais outras possíveis *coleções* elas comporiam? A questão do espaço físico auxilia na resolução destas questões.

Definem-se então quais imagens constituem o *flyer* e o cartaz: a foto com as capas amarelas? Abstrata demais para a evidência do conceito de transformação urbana; pensam-se e discutem-se outras possibilidades; chaga-se a um tríptico que contem transeuntes passando em uma calçada destruída, paisagem urbana com prédios, postes, arames, placas etc. Assim, projeta-se o tríptico na tela e discute-se quanto ao equilíbrio das suas forças semióticas e os elementos urbanos significantes.

Os créditos ficam dispostos relacionalmente com os *croquis*, que compõem o final do circuito da exposição: cada fotografia do *croquis* (maior dimensão nas paredes da galeria) possui um número em marca d'água, remetendo-se à uma legenda, na qual cada número alude a um autor específico.

As ferramentais são personagens que compõem a cena da montagem: estiletes, *foamboards*, régua, placa de vidro protetora, fita crepe e fita dupla face 3M. A partir das medidas planejadas para as imagens, estipula-se que as de 30x40cm necessitam de uma base *foamboard* 20x20cm a serem coladas no meio da imagem; 4 peças pequenas de 5x5cm (56 no total) coladas uma em

cada canto da imagem para que não empene. Primeiramente mede-se o foamboard, traça-se com lápis e corta-se com estilete; ainda 84 peças de 10x10cm são coladas nas pontas das bases de 20x30.

A discussão sobre a expografia segue em meio a cortes de *foambords*, fitas que grudam nos dedos e o ruído metálico dos estiletes em ação. A galeria de montagem da exposição é composta por dois lados, duas paredes face a face; em cada lado há um obstáculo para a composição do cenário: de um lado há uma coluna com extintor, do outro, uma coluna com quadro de luz. Decide-se que cada avenida narrada na expografia (Padre Cacique e Voluntários da Pátria) tematiza um lado da galeria e fotografias impressas em tecido penduradas na frente de cada coluna.

A apresentação de abertura da exposição conta com a criatividade de Cornelia Eckert, coordenadora e do projeto.



Imagem 19 - montagem coletiva da exposição *Na Porto Alegre da copa os ritmos de construção*

destrutiva ou destruição construtiva, dezembro de 2014. - Acervo NAVISUAL.



Imagem 20 - mesa de montagem: ferramentas necessárias para a montagem da expografia *Na Porto Alegre da copa os ritmos de construção destrutiva ou destruição construtiva*, destaque para o croquis de disposição das fotos, NAVISUAL, dezembro de 2014. - Acervo NAVISUAL.

Para tanto, os encontros semanais (e abertos) do núcleo demonstram-se essenciais para o processo de construção crítica da pesquisa etnográfica audiovisual. São reuniões que possibilitam uma ambiência plural, na qual a convivência continuada entre graduandos, pós-graduandos e pós-graduados converge em uma experiência de aprendizado horizontal, tornando a

cumplicidade a principal “lição” apreendida. Esta “lição” é necessária para o empreendimento da produção audiovisual em campo e o futuro tratamento do material resultante: o inventário de equipamentos, a divisão das tarefas para a captação de sons e imagens, o tratamento, a edição, a construção expográfica-são etapas que integram e implicam o contínuo compartilhar.



Imagem 21 - Oficina ministrada pela equipe *Narrativas Fotográficas: contando histórias com imagens* Maré de Arte, Tramandaí, 2014. - Acervo NAVISUAL.



Imagem 22 - Oficina ministrada pela equipe *Narrativas Fotográficas*: contando histórias com imagens Maré de Arte, Tramandaí, 2014. - Acervo NAVISUAL.



Imagem 23 - Oficina ministrada pela equipe *Narrativas Fotográficas: contando histórias com imagens* Maré de Arte, Tramandaí, 2014. - Acervo NAVISUAL.



Imagem 24 - Oficina ministrada pela equipe *Narrativas Fotográficas: contando histórias com imagens* Maré de Arte, Tramandaí, 2014. - Acervo NAVISUAL.

Por falar em Tramandaí no email anterior, queria rapidamente registrar que achei excelente! Esses projetos de extensão são tão interessantes que dá vontade de fazer mais seguido, inclusive. Na turma da manhã, a turma prevista não veio e conseguimos aproveitar alunos que estavam em uma outra oficina que acabou mais cedo. Ao invés de 3h, trabalhamos com eles 1h30. Também mudamos a prática, de produção de imagens para leitura de imagens. À tarde, a turma também atrasou e procedemos da mesma forma. Foi incrível! Maravilhoso! Em grupos, pegaram as imagens que levamos e retrabalharam as ordens, as histórias, os temas, os personagens e criaram novas narrativas. O processo de construção da narrativa foi contado para o grande grupo no final. Várias questões foram levantadas e todos deram um bom feedback. Participei do grupo que trabalhou com o ensaio fotográfico da Neiva - Estátua Viva. O grupo da manhã primeiramente construiu uma narrativa do artista de rua (influenciado pela forma como o Jonathan e eu colocávamos as perguntas - a importância do roteiro de condução da oficina!). Logo, reconstruíram as narrativas e chegaram em 3 dípticos. No processo, transformaram o cowboy inicial em artista de rua, depois trabalhador, e, por fim, ele virou dois cowboys que estavam brigando (apesar do ator ser o mesmo!). Na turma da tarde, durante o processo percebemos também uma grande variedade de tentativas narrativas, mas sempre a partir do artista de rua em performance. O menino que brincava mais com as imagens chegou a formar mosaicos interessantíssimos com imagens em espelho, de

cabeça para baixo e, no final, uniu as imagens cronologicamente e pelas linhas da calçada, alinhando tempo, espaço e movimento imagético. Depois a professora dele disse que o aluno era um grande desenhista. Aí vemos essa influência na forma em que leu as imagens, pelas linhas! Os outros ensaios renderam boas discussões antropológicas e possibilidades de narrativas também. Para as fotos da procissão de Navegantes e a dos Pescadores, do Gianpaolo, os grupos contaram histórias lineares, com começo, meio e fim, nome dos personagens, data e tudo mais! As imagens do Milton Guran, no final, fizeram um ótimo e prolongado desfecho da nossa história de hoje. E tivemos sorte com o solzinho que abriu! (email/relato de Roberta Simon compartilhado no grupo de emails do NAVISUAL, da série: *gradidão por Beta Simon fazer o “dever” de casa*)



Imagem 25 - Fim da jornada *Maré de Arte*, Tramandaí, 2014. - Acervo NAVISUAL.

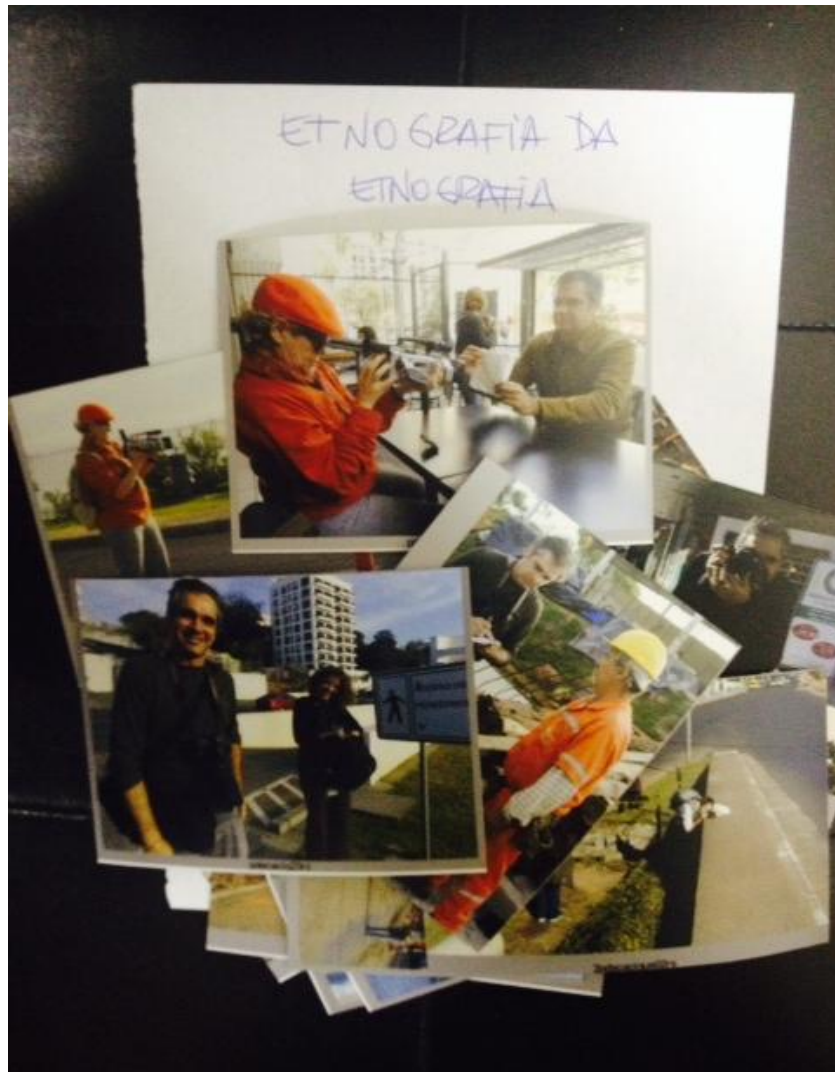


Imagem 26 - saídas de campo variadas entre 2013 e 2014. Etnografia da etnografia é uma das categorias trazidas pelo Glossário do BIEV, com a qual o grupo se diverte bastante. - Acervo NAVISUAL.

2.6 DA SITUAÇÃO EPISTÊMICA E TEÓRICO-METODOLÓGICA

Esta monografia pretende denotar o compromisso da Antropologia com a construção da imagem do outro para além dos muros da universidade,

por meio das tecnologias do pensamento na era da informática e das possibilidades de sua contribuição nos processos de criação, produção e fruição de experiências socioculturais da realidade urbana de Porto Alegre. No ato de interpretação da cidade cabe ao pesquisador, situado na figura de narrador, tecer as matérias lembradas e evocadas das

quais resulta seu trabalho de campo.¹⁹

Em termos epistemológicos, aparece enquanto mediador na agência de reatualização e retransmissão de fazeres e saberes nas e das modernas sociedades complexas. Segundo Gilbert Durand (1984), o sentido das ações narradas e as motivações do narrador não são descritos pelo conteúdo do que é relatado, mas pela forma como se imagina o que é narrado (pela imaginação criadora da antropóloga), moldada através das direções que se encadeiam pelas imagens produzidas no imaginário do leitor/ouvinte/expectador. Não há modelos de recepção pré-definidos, tampouco se podem controlar os ecos da circulação das interpretações antropológicas, já que a linguagem é viva e sua compreensão ativa²⁰. Neste caso, a narrativa em hipermídia permite processos intertextuais, trazendo para a relação autor-leitor/expectador possibilidades de uma autoria compartilhada, a qual dependerá da associação de ideias e da hierarquização de informações (Eckert e Rocha, 2014) constituintes da narrativa.

A partir do método de *Convergência*²¹ proposto pelo BIEV, a produção e o tratamento de imagens apresentam-se enquanto a própria pesquisa em Antropologia Urbana.

A pesquisa com imagens propicia aos grupos sociais estudados compartilhar das experiências de construção de imagens de si, alcançando, assim, a produção antropológica uma eficácia simbólica na construção de memórias coletivas em comparação com a cultura da escrita que orienta os meios acadêmicos. (Eckert e Rocha, 2013, p. 10)

Isto porque, pela etnografia com imagens a questão da *restituição*, tão cara à Antropologia, torna-se ação ética e política, permitindo o (re)conhecimento de *si- mesmo* e do *outro* na interação intersubjetiva da prática etnográfica.

19 Fonte: www.biev.ufrgs.br, consulta em dezembro de 2014.

20 Ver: BAKHTIN, Mikhail. *Esthétique et théorie du roman*. Paris, Gallimard, 1978.

21 Mais detalhes sobre o método de Convergência em ECKERT, Cornélia e ROCHA, Ana Luiza C.. *Etnografia da Duração: antropologias das memórias coletivas nas coleções etnográficas*. Porto Alegre: Marcavisual, 2013.

2.7 DA MEDIAÇÃO AUDIOVISUAL

Entre os meus colaboradores, a presença de equipamento audiovisual provoca reações diversas, com teores de aceitação, desconfiança ou total negação. O uso de câmeras entre estes sujeitos tem sido prática comum das variadas áreas de conhecimento interessadas no *objeto* humano. Do jornalismo ao cinema, as objetivas não se enquadram enquanto um “terceiro olho” perante os *peregrinos*, constituem-se para além da visão: estes possuem uma sofisticada percepção do poder que uma câmara apresenta na produção, definição e, em muitos casos, no aprisionamento de seus *espíritos/imagens* em estigmas perversos.

A aceitação ocorre seja quando há conhecimento e combinação prévia da utilização da câmara em campo; seja pela interação espontânea, na qual o vínculo de confiança já está estabelecido, tendo-se a naturalidade de “vestir” a câmara, como se esta fosse parte do corpo do pesquisador o que, é claro, sempre modifica a interação, pois as performances do “jogo” etnográfico se intensificam. Neste caso, ao “tirar a câmara do bolso”, sem exceções, demanda-se a permissão, que pode até mesmo se dar por um movimento afirmativo de cabeça, entre olhares, mostrando o objeto em mãos. Muitas vezes, por conhecerem o trabalho, perguntam sobre a presença da câmara e pedem para que se registrem as situações, não sendo raras demonstrações da consciência do que deve ser “mostrado”, apontando-se para o que desejam evidenciar.

Talvez não nos furtemos da ambição de aspirar comover os interlocutores pelo conhecimento afetivo, não só por promover democraticamente o acesso às imagens de si, mas por visibilizar os designios intencionais nas experiências de campo e de como os que “etnografam” são afetados pela responsabilidade de mediar mundos conceituais (Eckert e Rocha, 2014).

Esse fato é válido para se pensar a importância dada às diferentes formas de expressão que são adotadas no agenciamento de seus discursos e estéticas. Quando percebem que a produção de imagens pode ser democratizada,

empoderam-se da tecnologia disponibilizada pela pesquisadora para dar o tom, para “aumentar” a voz²².

Isso acontece no âmbito do registro, não sendo apresentada grande preocupação com as etapas de tratamento e edição, ainda que sejam bastante citadas por mim. Quanto à publicação das imagens, na maioria dos casos não se questiona muito para onde vão, e quando pergunto “o que fazer”, a resposta “coloca no *face!*”²³ aparece com frequência. Não há dúvidas que isto se caracteriza devido à atenção dada ao esclarecimento do que seria feito com o material, no contexto de apresentação das intenções da pesquisa. Caso essas informações não fossem fornecidas previamente, a “pouca” atenção aparente caracterizar-se-ia em, no mínimo, reações explícitas de *desconfiança*.

A *desconfiança* é *lugar comum* para qualquer empreendimento de captação de imagens audiovisuais (principalmente visuais). Ela geralmente surge por razões provocadas pela assimetria do poder de produção e circulação da *imagem do outro* e pela falta de informação: seja pelo contato que ainda não se oportunizou, seja pela posição antiética adotada por muitos profissionais que se utilizam da potencialidade discursiva destas tecnologias. Neste universo *peregrino*, infelizmente, grande parte dos sujeitos não apresenta um pré-conceito feliz das mídias. Isto porque, em sua grande maioria, já tiveram experiências ruins devido à estigmatização de suas condições de vida e modos de existir a cidade reforçada pela imprensa hegemônica. Em seu imaginário, as motivações de produção de imagens da *rua* são para alimentar o mito do *vagabundo*, do *marginal* em sua pior conotação. Declaram que sempre que observam alguém do jornal tirando fotos, nunca lhes é pedido o consentimento e que, quando saem as reportagens acerca de suas vidas, nem sequer haviam sido consultados, nenhuma entrevista ou depoimento demandados: “eles escrevem, filmam, tiram fotos do que querem da gente sem nos perguntar nada”.

Em consequência, os mais revoltos com esse tipo de postura “cretina”, na

22 Essa questão será tratada em mais detalhes no capítulo 3.

23 No capítulo 3 serão relatados usos de redes sociais e como se configuraram ao longo desta pesquisa.

hora já saltam dizendo “Não! Tu é jornalista?”²⁴. Aprendi que a negação total é provocada pela atitude insensível e antiética de alguns “jornalistas” e pelo poder que a mídia hegemônica possui em construir artefatos (da feiura, sujeira e maldade à pobre vítima incapaz) pouquíssimo condizentes com as realidades construídas no cotidiano destas pessoas.

Um dos maiores medos é de imagens que “caiam” indevidamente na internet sejam vistas por mães, as quais muitas vezes não sabem que seus filhos *estão na rua*. Por esse motivo, alguns colaboradores exigem que não se coloque nada deles na internet: “se minha mãe vê isso ela morre”. Por outro lado, outros a todo o momento solicitam o suporte da rede mundial de computadores na construção e controle de suas próprias imagens, o que propicia certo grau de prestígio e popularidade entre os pares, e o poder de agenciamento das próprias visões de mundo e *lutas*. Fato que se constitui no rol da discussão sobre a democratização e a popularização da mídia.

24 Em um fragmento audiovisual de diário de campo, capítulo 3 (por título), evidencia-se tal perspectiva.

3 AS FORMAS URBANAS DA E NA CIDADE DE PORTO ALEGRE

Porto Alegre é considerada, recorrendo-se a um termo geográfico, que analisa e classifica as cidades de acordo com sua densidade populacional, fluxo econômico e alcance do seu poder de influencia em outras regiões, uma metrópole regional. O que significa dizer que na escala de poder, medida pela quantidade de serviços, sede ou não de decisões políticas, PIB, Porto Alegre ascende na região sul do Brasil. Isto implica em uma cidade referência no eixo Montevideo- Florianópolis. Sua específica zona de influencia a caracteriza como uma cidade voltada para sua região (sul).

3.1 DO ESTUDO DE SOCIEDADES COMPLEXAS

Diga-se por *sociedade complexa* a cidade, esta em sua forma potencializada, ampliada, metrópole. Os estudos das sociedades complexas encaram o fenômeno cidade/metrópole enquanto locus humano por excelência. As sociedades complexas têm como marco a industrialização e o paradigma ocidental da modernidade: no campo ideológico é regida pelo racionalismo, no econômico, pelo capitalismo. Sua forma é moldada pelo pragmatismo, pelo utilitarismo, pela funcionalidade, pela individualidade, pela conquista da *liberdade*; seu conteúdo é composto pela intensidade, pela mobilidade, pela heterogeneidade, pela acumulação de capital, pelas diferenciações sociais, pelo consumo, pelas diversas sociabilidades, pelo excesso, pela descontinuidade, pela ruptura, pela crise, pela consciência *blasé*, enfim, pelos *territórios* morais.

A metrópole é um sistema comunicativo no qual a linguagem comum estabelecida são as “formas de interação diferenciadas” (Eckert e Rocha, 2013, p.172). Em seu estudo sobre *as formas da vida urbana*, as pesquisadoras trazem um inventário de personagens citadinos tipificados pela literatura que ilustram as distintas respostas subjetivas à cultura objetivante: o *flâneur* de Baudelaire; o *desmemoriado solitário* de Benjamin; o *alienado* de Marx; o

indivíduo massa de Adorno; *o privatista autocentrado* de Arendt; *o subterrâneo* de Dostoiévski entre outros. Estes personagens apontam para um sujeito moderno anônimo, produto de um processo humano generalizante que, entretanto, ao se deparar com a riqueza da multiplicidade de saberes, estéticas, estratégias e práticas, encontra o ponto divergente, particularizante, avesso à homogeneização, responsável pelos dinâmicos e intermitentes processos de transformação.

Assim, a partir das contribuições do interacionismo de Georg Simmel, sugere-se que a metrópole se situa como ponto privilegiado de interseção de uma infinidade de *mapas mentais*.²⁵ Esta infinidade provoca a perpétua redefinição de valores e, conseqüentemente, tipos sociais. Estar em constante redefinição e, mais do que isto, estar em constante redefinição e, ainda, em contato com *o(s) outro(s)* gera atos de interação disformes, aparecendo, então, o conflito. Nas palavras de Simmel, o conflito seria o “terceiro disformante”- presente nas trocas, nas formas estetizadas de desfrutar a cidade e nos diferentes princípios de individuação destas formas. O contato constante com o outro tenciona e intensifica o sentimento de vulnerabilidade. Logo, a atitude *blasé* vem à tona enquanto reação autopreservadora, é a própria demonstração do reconhecimento (mesmo que inconsciente) da crise. Esta “rompe com a circularidade e a dualidade da vida e das formas, do sujeito e do objeto, do pessoal e do impessoal” (Eckert e Rocha, 2013, p. 138).

As formas da cultura urbana também se constituem enquanto *paisagens*, os lugares vividos de pertencimento e deslocamento, em como a experiência humana se dá aos sentidos: olhar, escuta, paladar, olfato. Estes caracterizam jogos perceptivos, um sistema de trocas entre o mundo sensível e as lógicas de existir o espaço, resultando num sistema de signos que atuará na biografia dos sujeitos em sua fruição dos lugares por onde passa.

25 Sistema dinâmico e complexo que imbrica significados, valores, imagens, interpretações, formas de interação com o tempo-espaço, no que pese os termos e elementos que ritmam a vida cotidiana.

3.2 DA ANTROPOLOGIA URBANA BRASILEIRA

Nas Ciências Sociais é antigo o debate em relação às diferenças entre os fenômenos sociais inerentes à vida no campo e à vida na cidade, bem como a relevância da pesquisa de áreas urbanas. Muitos estudiosos, embora não tenham se dedicado exclusivamente ao estudo de sociedades urbano-industriais, adotam a cidade como pano de fundo para fazerem os seus *estudos de comunidade*: minorias étnicas, seitas, manifestações religiosas²⁶ etc. Os *estudos de comunidade* circunscrevem a produção de conhecimento sobre “sociedades simples” (os *outros*), e eram basicamente atribuídos a antropólogos, pois, o estudo das tais “sociedades complexas” (os “nós”) cabia aos sociólogos, aos economistas e aos cientistas políticos. Porém, o estudo *dos outros*, para países que não possuíam colônias, ficaria complicado, muito distante de suas realidades diretas. Logo, aqui no Brasil, volta-se ao estudo de comunidades indígenas com pouco contato prévio com o mundo branco ou as chamadas comunidades *rurais*, distantes do *ethos* metropolitano. Interpretam-se esses contextos por um sublinhado caráter histórico explicativo (reação às interpretações culturalistas do subdesenvolvimento) e, assim, abandonam-se os estudos das questões culturais- daí a marginalidade da ciência antropológica no contexto acadêmico brasileiro. Em países como os EUA, pelo empenho da Escola de Chicago em entender os seus “próprios” processos de urbanização, adotam-se as camadas desfavorecidas do meio urbano (já que os seus *outros* se encontravam ou no “mundo espiritual” ou no longínquo e congelante Alaska), mantendo-se o apego à perspectiva culturalista de modernização, resultam teorias como o *continuum folk-urbano* de Redfield e a *cultura da pobreza* de Lewis.

O *culturalismo* dá-se pela excessiva ênfase às representações culturais

26 Emílio Willems, Charles Wagley, Marvin Harris, Robert Shirley etc; no Brasil: Antônio Cândido, Eunice Durham, Ruth Cardoso.

em detrimento de fatores econômicos e sociais, elevado na sua máxima potência na explicação das dinâmicas sociais. Nesta perspectiva, a cultura acaba por aparecer como algo independente, externo aos homens e às suas interações sociais, ou seja, o comportamento social torna-se resultado da cultura e não o contrário.

Por seu turno, a *cultura da pobreza* pressupõe a ausência de integração e participação efetivas nas principais instituições da sociedade inclusiva, sendo caracterizada pelas condições precárias, desorganização. Esta teoria resvala em seu enfoque essencialista, pois traz consigo uma discutível natureza psicossocial, quer dizer, a responsabilização do âmbito individual em relação às vicissitudes encaradas face à pobreza: fenômeno social complexo e dependente, em sua produção e reprodução, de elementos econômicos, políticos, culturais e da particularidade das trajetórias individuais, distintas entre si, em dialógica interação com o local-global.

Sendo assim, estas teorias pouco contribuem para a compreensão de cenários dinâmicos e complexos como a produção de *espaços*, *territórios* e *paisagens* urbanos. As sociedades complexas caracterizam-se por uma multiplicidade de agentes sociais, produzindo variados *espaços*²⁷. Portanto, o estudo de grupos urbanos aponta para uma vigilância epistemológica constante, no sentido de não deixar os importantes fatores da vida social- aspectos políticos, econômicos e simbólicos- de fora da equação da (re)produção dos *mundos* da metrópole. Para o pesquisador Ruben Oliven, o estudo de grupos urbanos, principalmente o de países “não-desenvolvidos”, necessita estar ciente de que as contradições encontradas nas grandes cidades (centros dinâmicos do capitalismo) são refletidas e mediadas pela(s) cultura(s): fenômeno produzido por mulheres e homens em suas relações sociais.

É na interação e inter-relação entre as culturas das diferentes camadas sociais, tendo como base seus diálogos específicos com a cultura hegemônica,

27 Toma-se aqui enquanto um conceito híbrido, apresentando interfaces e sendo compartilhado por diferentes áreas produtoras de conhecimento sobre o *mundo* humano: antropologia, sociologia, geografia, urbanismo, ecologia, filosofia, história, arquitetura etc.

que poderemos aclarar questões que auxiliem a compreensão de modos de vida, de estratégias de sobrevivência, de comportamentos, de representações e de práticas postas em jogo, constituintes da *densidade de uma situação social* (Velho, 1994).

Assim, a cidade é feita de unidade e diferenciações, permeada pelo amplo e pelo particular. Gilberto Velho, teórico brasileiro das sociedades complexas, segue o caminho aberto pelos estudos de Simmel para compreender as oportunidades de transformação proporcionadas pela coexistência e contínua interação de diferentes estilos de vida e visões de mundo, que, segundo o autor, é uma das principais características do meio urbano. O entrecruzamento de variadas trajetórias e *trilhas sociológicas* (Velho, 1994) é a matéria-prima das *negociações da realidade* que definem a consistência cultural do mundo urbano: entre unidade e diferenciação, entre o amplo e o particular, há uma definição comum de realidade; uma linguagem básica, uma gramaticalidade no processo de interação (Velho, 1994); uma rede de significados capaz de inter-relacionar um *território* de negociações entre distintos *mundos* conceituais, pois “a própria negociação já implica o reconhecimento da diferença como elemento constitutivo da sociedade” (Velho, 1994, p.22), que, tão logo, torna-se o *tom* dominante da metrópole. Assim, a cidade é a própria encarnação do espectro de *possibilidades* (mundos, formas, conteúdos, saberes, estéticas, práticas etc).

3.3 DA GENEALOGIA DO UNIVERSO: uma *fotocronologia* do processo de urbanização de Porto Alegre, as *feições* Centro e Cidade Baixa²⁸

Nesta seção trago um pouco da *história*- aqui predomina a versão *oficial*, aquela contada pelos *vencedores*, a *imagem* hegemônica- de dois bairros importantes para a formação urbana de Porto Alegre e que, além disto, também

28 Importante ressaltar que as fontes de consulta que constroem a *imagem* de Porto Alegre explicitada nesta seção compõem o ponto de vista hegemônico e o enfoque institucional (“oficial”). A observação atenta desta *imagem* mostra-se relevante para a discussão proposta na seção *A arte de governar: gentrificação e espaço público*.

se constituem enquanto universos da presente pesquisa. Estes bairros são uma imagem em *zoom* da multiplicidade das formas característica da metrópole. Nele encontramos o comércio, o consumo, a informalidade, o intenso tráfego de pessoas, carros, motocicletas, bicicletas (a problemática do transporte urbano intensificada), diversas sociabilidades, choques geracionais, restaurantes, bares, boemia, residências, vizinhança, *habitantes* da rua, enfim, uma variabilidade de gênero, número e grau de interações.

Estabelecida em um contexto concreto, a existência é inevitavelmente espacial, da mesma forma que o espaço é existencial, ou antropológico. Não cabe vê-lo, portanto, como algo inerte, ou como estrutura puramente geométrica. Transformado ao longo do tempo e moldado segundo o projeto urbano dos grupos dominantes, o espaço representa um produto humano e, assim sendo, inseparável da reprodução histórica da sociedade (Magni, 1994, pg.42).

A capital do Estado do Rio Grande do Sul é reconhecida como a capital dos *pampas*: formada por extensas planícies que dominam a paisagem do extremo sul do Brasil, parte da Argentina e do Uruguai. Nos pampas está o berço da figura *histórica* do *gaúcho*: resultado de lendárias batalhas e revoltas por disputas de fronteiras entre os Reinos de Portugal e Espanha, a partir do século XVI. A cidade acolhe imigrantes de diversas partes do mundo, entre os séculos XVIII e XX, uma confluência de múltiplas expressões, origens étnicas e religiosas, constituindo-se em uma cidade multicultural.



Imagem 27 - Orla de Porto Alegre, Cais do Porto 1888.

O povoado nasce de uma pequena colônia de açorianos que se

estabelecem na região, por volta de 1752. Oficialmente fundada em 1772, enquanto *Freguesia de São Francisco do Porto dos Casais*, em referência aos casais açorianos que migram para a região, e elevada à capital da Província, em 1773, com o nome *Madre de Deus de Porto Alegre*. Nos anos seguintes, com a construção das praças *da Matriz* e *da Alfândega*, da sede de governo, de um cemitério, de uma prisão, de um teatro e de uma Igreja (da Matriz)- elementos básicos que constituem aglomerados urbanos- começa a se construir a Porto Alegre atual.



Imagem 28 - Praça da Alfândega

A partir de 1821, elevada por dom Pedro II à categoria de cidade, desenvolveu-se com as exportações de trigo e charque, por sua localização estratégica às margens do rio Guaíba e da lagoa dos Patos. Esse período se estende até a deflagração da Revolução Farroupilha (*Guerra dos Farrapos*), de 1835 a 1845, entre a Província de São Pedro do Rio Grande do Sul e o Governo Imperial do Brasil.

Entre 1856 e 1858, é edificado um novo cais, composto por paredões,

trapiches, escadarias, parapeitos e assentos. Em razão dos serviços de que dispõe e com a região mais uma vez em conflito com a *Guerra do Paraguai* (1864-1870), há uma nova fase de crescimento econômico, acentuada pela imigração, principalmente de italianos e alemães. Ganha importância como centro comercial, administrativo e militar, graças ao escoamento da produção vinda de terras cultivadas pelos imigrantes, pelo porto situado no rio Guaíba. Nessa época, constroem-se grandes casarões coloniais portugueses e outros prédios administrativos no mesmo estilo, além de estruturas importantes como o Mercado Público Municipal. O *Theatro São Pedro* é um exemplar da “florescente” vida cultural e política da capital nesse período.

Na virada do século XIX para o XX, o desenvolvimento industrial da cidade é acompanhado pelo crescimento populacional. A fase entre 1900 e 1930 vê surgir a *Avenida Independência* que se consolida como a preferida pelas elites de comerciantes e industriais para construção das suas residências. O mesmo acontece com a Rua Duque de Caxias e, mais tarde, a continuidade da Av. Independência no bairro *Moinhos de Vento*. A infraestrutura anteriormente exclusiva da área do centro é estendida para essa região pela administração municipal: o calçamento de paralelepípedos, em 1925, por exemplo.

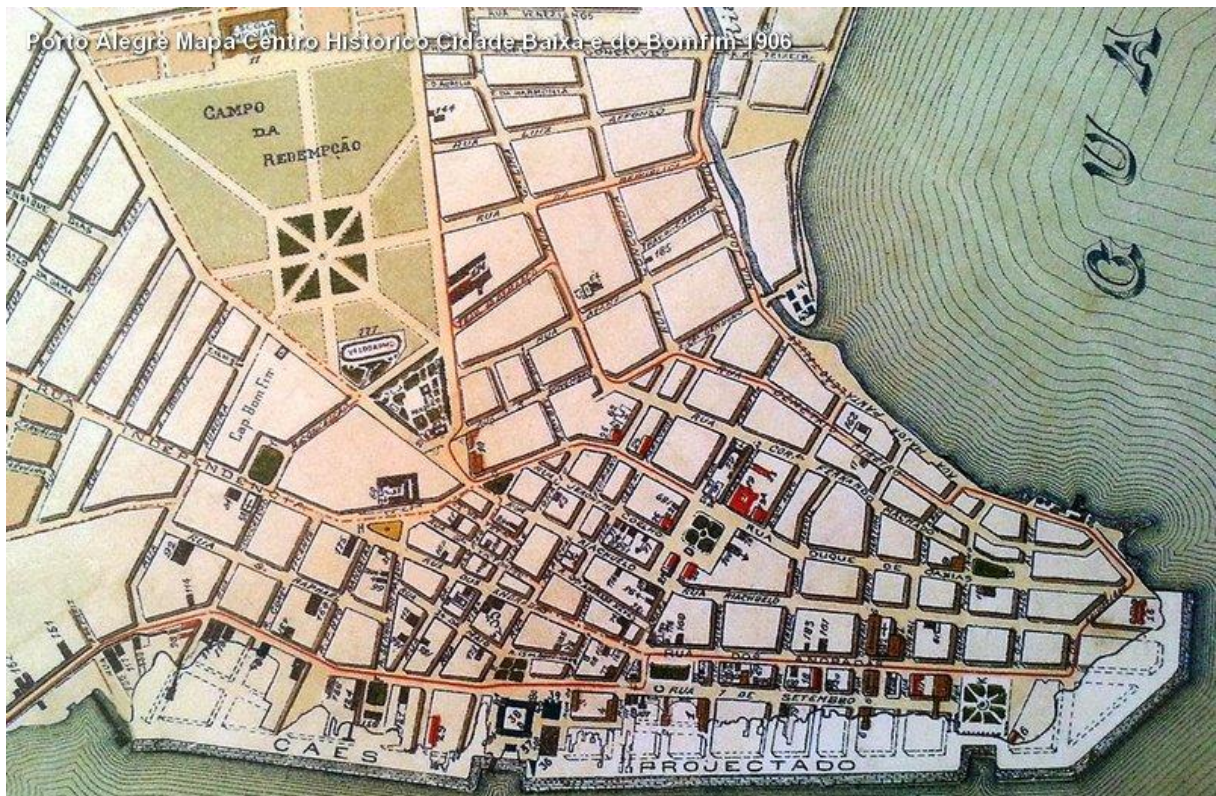


Imagem 29 - Porto Alegre, 1906: Centro, Cidade Baixa, Bom Fim.

A construção dos palacetes caracteriza uma mudança na arquitetura, com a adoção do ecletismo em substituição à arquitetura do período colonial. Pouco a pouco, os palacetes vão sendo construídos com materiais importados e mão de obra mais qualificada, também para construção de prédios públicos. A década de 1940, com a urbanização de outros bairros, inicia a degradação dos palacetes da região, que passam a serem ocupados por pensões, comércio ou substituídos por prédios de apartamentos.²⁹

3.3.1 O centro

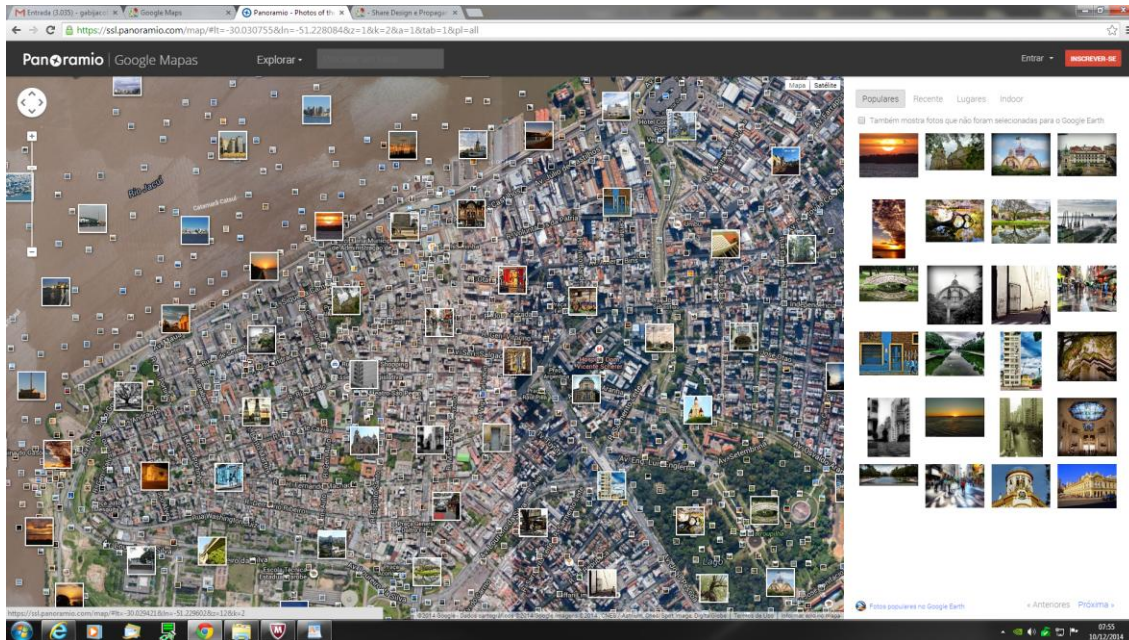


Imagem 30 -Printscreen do mapa *google earth*, mosaico de imagens do Centro de Porto Alegre.

Oficialmente o Bairro Centro é criado e delimitado pela lei 2.022, de 1959, mas sua origem remonta aos primórdios da ocupação de Porto Alegre. Seu povoamento e desenvolvimento, em função da criação da freguesia Nossa Senhora da Madre de Deus de Porto Alegre em 1772, possui íntima ligação com a rua dos Andradas que, ainda hoje, é chamada de rua da Praia, sua primeira denominação. É nela, a mais antiga da cidade, que se estabelece a primeira capela da Vila com invocação de São Francisco. A abertura das atuais *Rua Riachuelo* e *Duque de Caxias*, forma, junto à *Rua da Praia*, as principais vias da Vila, onde se assentam as mais antigas residências e casas comerciais. Os arrabaldes mais próximos, como a atual *Cidade Baixa*, neste período, são considerados zonas rurais.



Imagem 31 - Rua Marechal Floriano Peixoto em 1911, Centro.

A antiga e tradicional *Rua Duque de Caxias* recebe mais de uma denominação, conforme diferentes registros: *Rua Formosa*, *Rua direita da Igreja*, *Rua Alegre* e *Rua da Igreja*. Mas o primeiro nome oficial é o de *Rua da Igreja*, por ali localizar-se o único santuário da cidade. É, por anos, a rua mais nobre da cidade, residindo ali políticos, comerciantes e militares de altas patentes em luxuosos sobrados e solares das famílias aristocráticas da cidade, como o *Solar dos Câmara*, o mais antigo prédio residencial de Porto Alegre.

Também conhecida como *Altos da Praia*, na Duque de Caxias é construída a *Igreja da Matriz*, atual *Catedral Metropolitana*, posteriormente denominada de Marechal Deodoro, mas conhecida por *Praça da Matriz*. Abriga, ainda, os prédios dos poderes executivo, legislativo, judiciário, e o *Teatro São Pedro*, o mais antigo da cidade, tendo sua construção concluída em 1858.

A Rua Riachuelo também recebe outras denominações, como *Rua do Cotovelo*, nas proximidades ao Teatro São Pedro, e *Rua da Ponte*. Suas primeiras residências remontam ao ano de 1788. Típica rua de zona central, nela residem pessoas ligadas à classe dirigente.



Imagem 32 - Vista da Praça da Matriz (entre as ruas Duque de Caxias e Riachuelo), 1934.

A peculiar denominação de logradouros antigos do Centro deve-se ao fato de fazerem referência a alguma característica que possuem, como a *Rua do Arvoredo* (atual Fernando Machado), a *Rua do Riacho* (atual Washington Luis), a *Rua da Varzinha* (atual Demétrio Ribeiro), o *Beco do Fanha*, posteriormente denominada *Travessa Paysandu* (atual Caldas Junior), a *Rua do Poço* (atual Jerônimo Coelho), entre outras. As igrejas do Centro são também locais que nos remontam às histórias e aos costumes de seus habitantes.

A Catedral Metropolitana tem sua primeira edificação em 1794, porém é finalizada no século XIX, com a construção de suas duas torres em 1846. No ano de 1915, o arcebispo Dom João Becker inicia estudos preliminares para a construção da grande *Catedral*, cujas primeiras obras iniciam em 1920, e a finalização da nova Igreja da Matriz, no seu estilo romano Renascença, ocorre em 1972, com a conclusão da cúpula. Mas é somente em 1986 que é inaugurada e dada por concluída.

A Igreja Nossa Senhora dos Dolores, na Rua dos Andradas, é a mais antiga

da cidade, e sua construção pela irmandade *Ordem Terceira Nossa Senhora das Dores*, remonta a 1807, somente sendo concluída em 1904. A primeira edificação da *Igreja Nossa Senhora do Rosário*, localizada na rua Vigário José Inácio, em estilo barroco, é realizada entre os anos de 1817 e 1827, pela Irmandade Nossa Senhora do Rosário, confraria de negros livres e escravos, cumprindo importante papel, durante todo o século XIX, na vida das pessoas dessa comunidade. Sob a alegação de não comportar seus fiéis, em 1950, a Mitra Arquidiocesana ordena a demolição do prédio, erigindo a atual sede da Igreja.



Imagem 33 - Enchente de 1941, Avenida Mauá, Centro.

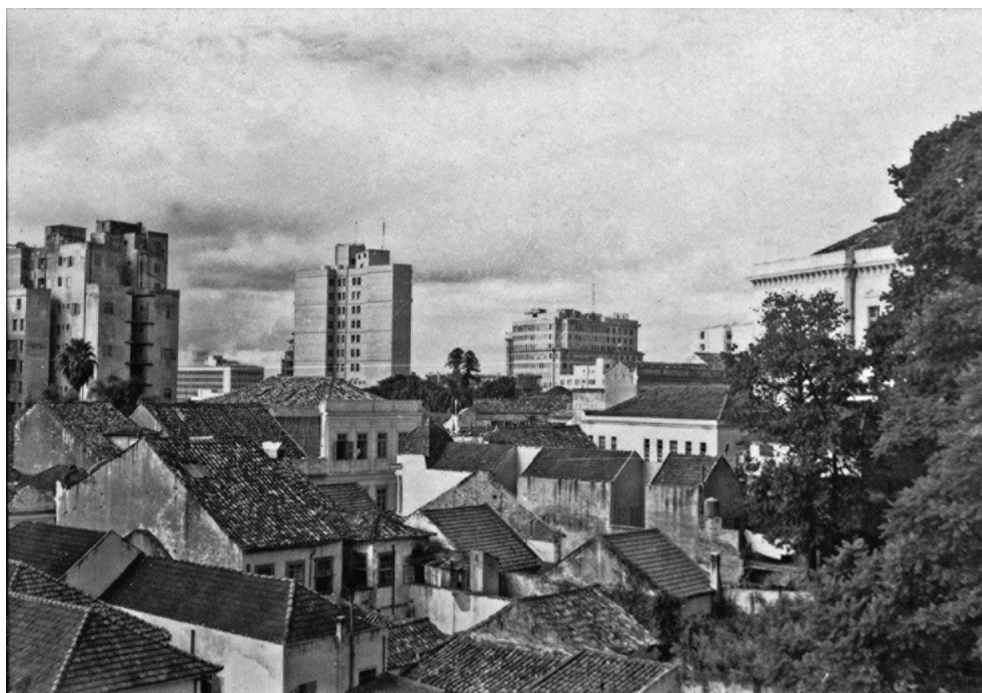


Imagem 34 - Processo de verticalização, Centro.



Imagem 35 - Esquina da Avenida Borges de Medeiros com Rua Sete de Setembro em 1937.

A Avenida Borges de Medeiros, outro logradouro importante que

atravessa a área central, tem sua obra de abertura iniciada na segunda década do século XX, na administração do intendente Otávio Rocha. No projeto de abertura da avenida, consta a construção do viaduto Otávio Rocha, de grande importância arquitetônica, e onde o espaço de baixo é aproveitado como abrigo de lojas comerciais. As obras da avenida são concluídas na década de 1940, na administração de José Loureiro da Silva. É nesta administração que o centro da cidade vai adquirindo as características modernizadas das cidades do século XX, com suas amplas avenidas e arranha-céus.



Imagem 36 - Avenida Borges de Medeiros (no “moderno” estilo *boulevard*).

Ao se atravessar a Avenida Borges de Medeiros, temos o *Mercado Público Central*, o qual apresenta sua primeira edificação em 1844. Surgido da necessidade de um local para a comercialização e para a sociabilidade de seus habitantes, a planta para a nova construção é aprovada em 1862, e começa a reforma no início de 1864. No ano de 1870, é inaugurado o novo prédio.



Imagem 37 - Vista aérea, Centro, 1950: Mercado Público e Prefeitura.

O Mercado Público possui grande importância para a cidade: além do comércio, durante o século XIX, aparece como local onde circulam as últimas notícias do Brasil, devido ao intenso fluxo de pessoas, sobretudo em função do Porto. Seus bares também são referências para encontros, principalmente pela boemia da cidade, sendo na sua parte térrea encontrado o mais antigo bar da cidade, *O Naval*, reduto produtor e guardião de histórias que constituem patrimônio da memória da cidade.

O atual prédio do Mercado, no Largo Glênio Peres, possui a mesma aparência externa, mesmo após o incêndio de 1912 e da construção do segundo piso, no ano de 1913, durante a administração republicana do Intendente José Montauray. Sua restauração é inaugurada em 1997. E recentemente, no ano de 2013, sofre novamente um incêndio, interrompendo, temporariamente, a dinâmica própria desta entidade urbana.

No chamado *paralelo 30*, na Praça Montevideo, encontra-se o *Paço*

Municipal, sede da Prefeitura de Porto Alegre, tendo sua construção iniciada no ano de 1898. Em frente ao prédio, se encontra a *Fonte Talavera*, doação da comunidade espanhola através da *Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos*, em homenagem ao centenário da *Revolução Farroupilha*.

O Centro dispõe dos mais diversos e variados serviços e entretenimento, sobretudo ligados a atividades de cunho histórico e culturais. Ao descer a ladeira da Rua General Câmara, encontra-se o prédio do *Hotel Majestic*, atual *Casa de Cultura Mario Quintana*, na Andradas (ou, Rua da Praia), transformado em centro cultural no final da década de 80. Na esquina das ruas dos Andradas e Caldas Jr., a sede do Museu José Hipólito da Costa, onde antes funcionava a sede do jornal *A Federação*. Em frente, ocupando a quadra que vai até a Rua Sete de Setembro, está instalada a sede do Grupo Caldas Júnior. Na Praça da Alfândega, localizam-se o Museu de Arte do Rio Grande do Sul, o Memorial do Rio Grande do Sul e o prédio Santander Cultural que, diariamente, apresentam atividades ligadas a exposições, mostras de vídeos e cinemas, visitas guiadas, etc.

Na Rua Duque de Caxias, está localizado o museu Julio de Castilhos, instituição cultural criada por decreto estadual em 30.01.1903, com caráter de museu antropológico, artístico e histórico. A atual sede do Museu, prédio de estilo neoclássico, foi residência do presidente do estado do Rio Grande do Sul, Julio de Castilhos até o ano de 1905, quando este é adquirido pelo governo estadual para abrigar o Museu. Na Rua dos Andradas, próximo ao Gasômetro, encontra-se o Museu da Brigada Militar, os quartéis e o Museu do Exército.

Outro ponto significativo do Centro é a *Usina do Gasômetro*, a qual funcionou, antes de ser reformada e transformada em destacado centro cultural, a partir de 1874, sendo o local conhecido como a *Praia do Riacho*³⁰.

A paisagem urbana retratada em cartão postal torna-se o símbolo do desenvolvimento e da modernização, e a capital gaúcha não se furta a este padrão: da domesticação do espaço-tempo, driblando a geografia e diminuindo

30 Fonte: www.proweb.procempa.com.br consulta em 27 de novembro de 2014.

os deslocamentos no interior de seus *espaços*.



Imagem 38 - Vista da Rodoviária, Centro.



Imagem 39 - Casario do Centro.



Imagem 40 - Ponte de Pedra Centro/Cidade Baixa.

3.3.2 A cidade baixa

Em meados do século XIX, a denominação *cidade baixa* é utilizada para toda a região situada ao sul da colina da *Rua Duque de Caxias*. O local que é atualmente conhecido como *Cidade Baixa* possuiu vários nomes associados: Arraial da Baronesa, Emboscadas, Areal da Baronesa e Ilhota.

Ao longo do século XIX é denominado *Arraial da Baronesa*, fazendo alusão a uma grande extensão territorial abrangida por uma chácara de propriedade da Baronesa do Gravataí, cuja mansão localiza-se onde hoje é a *Fundação Pão dos Pobres*. Faziam parte da área propriedades semi-rurais, cuja base produtiva era a mão-de-obra escrava. Quando um escravo fugia, escondia-se nos matos que faziam parte do *Arraial*, sendo denominado o lugar das *Emboscadas*.



Imagem 41 - Cidade Baixa: Solar Gravataí.

Em 1879, depois de um incêndio em sua propriedade, a Baronesa loteia e vende suas terras, que passam a ser habitadas por negros libertos e famílias italianas. Desta forma, o local é apelidado, ironicamente, de *Areal da Baronesa*, em virtude da areia avermelhada existente. Assim, até metade do século XX, a *Cidade Baixa* continua sendo reduto dos imigrantes italianos e seus descendentes, os quais realizam serviços especializados; e dos negros: estes residem na área correspondente ao *Areal da Baronesa* e à *Ilhota*, locais bastante insalubres, devido às sistemáticas inundações.



Imagem 42 - Rua João Alfredo, Cidade Baixa.

Essas áreas fazem parte de Porto Alegre enquanto espaços associados à cultura popular, expressa através dos batuques, das danças, dos ritmos e festas organizadas pelos segmentos negros. Destes *territórios*, originam-se inúmeros músicos e compositores, solistas e jogadores de futebol que se tornam nacionalmente conhecidos, como Lupicínio Rodrigues e Tesourinha. A denominação Ilhota dá-se em função da intervenção realizada em 1905, no fluxo do *Riachinho*, que acaba por formar um canal, determinando a formação de uma pequena ilha. Posteriormente, o Riachinho é canalizado, e tem seu curso modificado através de um projeto municipal, durante a administração de José Loureiro da Silva, em 1941, passando a ser conhecido por Arroio Dilúvio.

Uma instituição secular no bairro é o educandário e orfanato para crianças pobres, mantida pela organização religiosa católica *O Pão dos Pobres de Santo Antônio*, fundada em 1895.



Imagem 43 - Antiga Rua da Varzinha, Cidade Baixa. Fotografia de Leonid Straliev³¹.

A partir de meados do século XX, a população da região aumenta significativamente, em função do desaparecimento das últimas chácaras: as ruas Avaí e Sarmiento Leite passam a receber indústrias, instalam-se cinemas como o Garibaldi e o Avenida, na Av. Venâncio Aires, e a Igreja da Sagrada Família, na José do Patrocínio, torna-se sede paroquial.

O bairro passa por inúmeras intervenções de cunho urbanístico (modernizador), na medida em que sua localização torna-se, com a expansão urbana, uma via de trânsito para inúmeros outros espaços da cidade.

Atualmente, a Cidade Baixa, criada oficialmente pela Lei 2022 de 1959, é habitada por uma população heterogênea e, como pontos que referendam seu passado, estão o Ginásio de nome *Tesourinha*; o complexo habitacional denominado *Lupicinó Rodrigues*; o *Solar Lopo Gonçalves*, que é sede do Museu de Porto Alegre; a *Fundação Pão dos Pobres*; o *Largo Zumbi dos Palmares*; a *Ponte de Pedra*; a *Travessa dos Venezianos* e inúmeros

31 Fonte: www.campanicultural.com.br consulta em 6 de dezembro de 2014.

estabelecimentos de entretenimento, principalmente noturnos, que lembram os tempos boêmios do *Areal* e da *Ilhota*.³²



Imagem 44 - Carnaval de Rua, Cidade Baixa.

32 Fonte: www.lproweb.procempa.com.br consulta em 7 de dezembro de 2014.

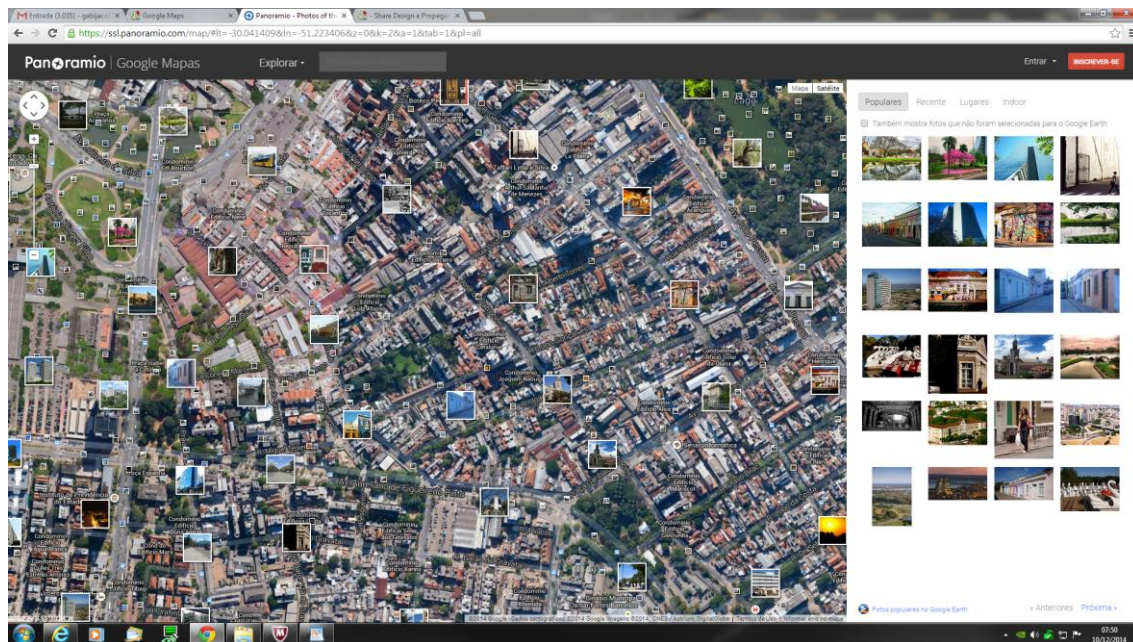


Imagem 45 - *Printscreen* do mapa *google earth*, mosaico de imagens da Cidade Baixa de Porto Alegre.

3.4 SOBRE URBANIZAÇÃO E MARGINALIDADE NAS CIDADES BRASILEIRAS

A Cidade

O sol nasce e ilumina as pedras evoluídas
 Que cresceram com a força de pedreiros suicidas
 Cavaleiros circulam vigiando as pessoas
 Não importa se são ruins, não importa se são boas
 E a cidade se apresenta centro das ambições
 Para mendigos ou ricos e outras armações
 Coletivos, automóveis, motos e metrô
 Trabalhadores, patrões, policiais, camelôs
 A cidade não para, a cidade só cresce
 O de cima sobe e o de baixo desce
 A cidade não para, a cidade só cresce
 O de cima sobe e o de baixo desce
 A cidade se encontra prostituída
 Por aqueles que a usarem em busca de saída
 Ilusora de pessoas de outros lugares
 A cidade e sua fama vai além dos mares
 No meio da esperteza internacional
 A cidade até que não está tão mal
 E a situação sempre mais ou menos
 Sempre uns com mais e outros com menos
 [...]

Eu vou fazer uma embolada, um samba, um maracatu
 Tudo bem envenenado, bom pra mim e bom pra tu

Pra gente sair da lama e enfrentar os urubu
(Chico Science e Nação Zumbi, movimento contracultural
manguebeach, contexto de *gentrification* de Recife nos anos 1990)
Ouvir faixa no suporte dvd.

A cidade funciona como sede de múltiplos papéis sociais, fruto da lógica da modernidade, pautada por relações que se dão a partir das dinâmicas do comércio e da circulação do dinheiro, desenvolvendo uma assimétrica divisão social do trabalho e conseqüente valorização do indivíduo.

Nas cidades moderno-industriais a acumulação capitalista, por um lado, tende a homogeneizar as áreas próximas a atividades econômicas e interesses instrumentais. Porém, o acúmulo de capital, por outro, diferencia os habitantes de forma desigual e assimétrica. Sendo assim, em países como o Brasil: urbanização acelerada e acentuados vestígios de clientelismo e paternalismo, o processo de urbanização afeta diferentes camadas sociais de diferentes modos. Portanto, a urbanização não pode ser considerada como um processo único, integral e universalmente semelhante, pois assume formas e significados distintos, em acordo com as condições históricas, econômicas, sociais e culturais observadas.

A incorporação das cidades de países latino-americanos ao mercado internacional dá-se de forma dependente, resultando na ocupação subalterna das indústrias e dos setores produtivos destes países na divisão internacional do trabalho (DIT) (escala global do fenômeno urbano). Esse tipo de incorporação torna estes países cronicamente incapazes de gerar uma plena demanda por força de trabalho e de incorporar consistentemente a massa de trabalhadores existente. Deste modo, a massa de trabalhadores não incorporados não se transforma em reservatório para o *lumpen-proletariado*. Isto porque 1) o volume da massa é muito maior e, principalmente, 2) este tipo de mão-de-obra nem sequer é uma opção enquanto mão-de-obra disponível. Esta situação do mercado de trabalho de países como o Brasil surge devido aos interesses e investimentos da indústria interna dependente do mercado internacional, as demandas deste mercado voltam os esforços desta indústria no suprimento das

necessidades externas em detrimento das necessidades internas e do desenvolvimento das demandas próprias da realidade local. Em consequência, cabe ao inchaço crescente do setor terciário absorver aqueles que jamais seriam uma opção para o mercado formal do sistema de produção capitalista- os *marginais* (do mercado formal).

O tipo de *marginalidade* que se cria não se caracteriza como uma “real” marginalidade porque o setor terciário informal possui importante função nos mecanismos de acumulação de capital. Logo, os *marginais* do mercado formal são extremamente integrados à cultura urbana, estão inseridos na rede informal de acumulação de capital e são permeados cotidianamente por questões transversais de cultura dominante e de resistência. Deste modo, suas atividades são tão modernas quanto as atividades tecnológicas para as quais se diz serem complementares.

A urbanização de cidades brasileiras caracteriza-se pela tendência à heterogeneidade, a qual não aparece apenas economicamente, mas também nas dimensões em que as “classes baixas” oferecem efetiva resistência às orientações culturais padronizadas. O estudo de caso desta pesquisa aponta para as estratégias dos *peregrinos* urbanos, em que a figura do nômade aparece como fator desestabilizante, enquanto reação à comunidade tradicional homogênea. Para muitos, incluso o pensamento da cultura dominante, o nomadismo desorganiza o espaço. Entretanto, esta aparente desorganização apresenta-se enquanto sofisticada adaptação, permitindo aos sujeitos implicados mobilidade e ação dentro dos estreitos limites impostos pela pobreza e a flexibilidade de contornar a rigidez estrutural da sociedade. Indivíduos chamados *marginais* apresentam alta flexibilização em seu modo de interpretar as possibilidades oferecidas no contexto urbano, sendo os seus comprometimentos muitas vezes instáveis, maleáveis ao sabor destas possibilidades.

A *marginalidade* em si não é autoexplicável, não possui uma essência própria, pois as configurações de sua produção transcendem universos restritos. Supor que sujeitos *marginais* produzem uma cultura apartada implica a

equivocada ideia de transtorno e ameaça ao espaço público. Necessita-se não perder de vista a noção de que a cidade proporciona uma gama de situações nas quais os sujeitos precisam equacionar diferentes conjuntos de pessoas e distintas expectativas de comportamento, portanto, o comportamento não será de todo consistente de um conjunto para o outro.

Ser culturalmente *marginal*, divergente à cultura hegemônica, ou ser culturalmente *integrado* abrange um dinâmico processo, no qual não há como se escapar da influência da cultura dominante. No caso do fenômeno urbano, a ideologia dominante da modernização afeta constantemente a todos. Sendo assim, os *marginais* (tão parte do todo quanto todos os outros) compartilham simultaneamente de elementos da cultura dominante e de elementos de não pertença a esta cultura. Segundo Ruben Oliven (1980), isto poderia ser interpretado como um duplo mecanismo de sobrevivência: a aceitação é necessária para criar arranjos de convívio com a sociedade geral, contudo, nessa dinâmica desenvolvem-se características culturais próprias enquanto um modo de manutenção da identidade, produzindo-se traços que não aceitam totalmente as regras normalizadoras das camadas dominantes.

3.5 Da arte de governar: gentrificação e espaço público

As cidades, ao sofrerem seus processos de urbanização, aparecem historicamente enquanto arenas de negociação e conflito entre distintas camadas sociais, ideologias, expressões culturais e visões de mundo. Tal processo tem como principal ideologia a modernização, e o capitalismo urbano-industrial como protagonista dos setores econômico e de produção. Logo, a arena precisava ser organizada por um *juiz* (nem sempre de paz). Porém, diferentemente dos embates esportivos, os juízes deste tipo de arena, apesar de tentarem transparecer, não eram escolhidos pela sua neutralidade e imparcialidade, mas, entre muitos, pelo principal motivo que levou à criação do Estado: assegurar a manutenção da propriedade privada em meio às questões

comunais.

Bem, para isto era necessário uma expertise que o filósofo Michel Foucault, assim como outros antes dele, denomina de *a arte de governar*. Para Foucault, a arte de governar ultrapassa a simples ação, para ele esta é uma ciência imbuída de um sistema próprio de pensamento, a saber, a *governamentabilidade*. Em sua obra, *A microfísica do poder*, ele estabelece que a atualidade política contemporânea é regida majoritariamente pelo *Estado de Governo*, sendo o Estado uma realidade compósita, uma unidade, uma abstração mistificada; e o governo a racionalização do exercício do poder enquanto prática. Segundo sua teoria, estamos vivendo a *Era da Governamentabilidade*, a qual pressupõe um conjunto de instituições, análises, reflexões e procedimentos com o qual se possa exercer o poder de forma específica e complexa, tendo como alvo principal a população, como forma principal do saber a economia política e por instrumentos técnicos essenciais os dispositivos de segurança.

Para a presente discussão nos interessam principalmente os instrumentos técnicos essenciais e os dispositivos de segurança, pois, como evidenciado acima, a ideologia regente desta orquestra já foi previamente apresentada e, tais ferramentas serão utilizadas ora como meios para que a ideologia (modernização) para a qual está a serviço atinja suas metas, ora como fim em si, alimentando a faminta máquina burocrática.

A ideologia da modernização do sistema capitalista urbano-industrial prevê a privatização dos espaços, sendo o Estado de governo seu principal gestor e um agenciador hegemônico de sua produção, o processo que entra em vigor- de forma mais acelerada em meados do século XIX- apresenta o esforço de esquadrinhamento do território urbano. O esquadrinhamento do espaço atua como forma de controle dos diversos agentes sociais também produtores de espaços. O controle do espaço pelo Estado é uma das principais preocupações em vista do empreendimento de uma importante característica da ética e da estética modernas: a *gentrification*. Esta expressão é utilizada pela socióloga

britânica Ruth Glass (1964) no contexto das transformações imobiliárias nos distritos londrinos.

O enobrecimento aparece enquanto uma política de gestão dos espaços e do patrimônio público que busca uma paisagem cívica depurada. Desloca-se para o consumo os sentidos tradicionais da história e da cultura pública, criando-se um espaço *re-localizado* (Leite, 2001) da tradição, no qual o patrimônio é transformado em relíquia. Atualmente se apresenta na busca de adequação das cidades às demandas do turismo e consumo urbano internacional e é testemunhada em diferentes cidades brasileiras, das quais Rio de Janeiro, São Paulo e Recife são considerados exemplos *clássicos* (Botelho, 2005) deste processo que é global- Barcelona, Marrakech, Moscou, Istanbul, Quito, Seoul etc. Em Porto Alegre, recentemente, podemos presenciar o processo de gentrificação pelas transformações do espaço promovidos pelas obras da Copa FIFA 2014.

O princípio higienizador que rege este Estado de governo conta com equipamentos e tecnologias diversos e, principalmente, com o dispositivo de segurança denominado polícia. O contexto desta pesquisa aproximou-me dos instrumentos técnicos e equipamentos de governo ligados à assistência social: a FASC (Fundação de Assistência Social) e seus ramos Centro Pop (1 e 2), Albergue Municipal e CREAS (Centro de Referência Especializada de Assistência Social), todos em Porto Alegre, RS. Também colocou-me em contato com equipamentos que mediam as negociações e agenciamentos políticos (e morais) entre os diversos agentes sociais: como o judiciário no que tange a Defensoria Pública e os Ministérios Públicos Estadual e Federal; o legislativo, como Comitê de Segurança Alimentar da Assembleia Legislativa do RS e, principalmente, com a Comissão de Direitos Humanos da Câmara Municipal de Porto Alegre; o executivo, com as secretarias de Educação, de Segurança e de Direitos Humanos (na qual se formou um Comitê Pop. Rua).

Como citado na seção acima, o nomadismo urbano é uma prática que subverte as lógicas de privatização e esquadramento dos espaços e,

portanto, para que o princípio higienizador se perpetue, precisa ser controlado, seja por iniciativas sócio-educativas, seja por programas sociais (exemplo o Bolsa Família), seja pela repressão policial. Os *peregrinos*, portanto, desorganizam e subvertem a lógica higienizadora do Estado de governo ressignificando os espaços públicos de acordo com sua ética e estética próprias. Sendo assim, ao existir *da e na* rua e produzir seus *espaços* materiais e *territórios* morais, alternativos à ética, à estética e à economia dominantes, transformam-se em obstáculo e foco de resistência às intervenções gentrificantes do Estado.

Em outras palavras, o contraponto às políticas de enobrecimento que se faz pelas intervenções *peregrinas* consiste na oposição aos *usos* esperados dos espaços regulados e homogeneizados pela *paisagem do poder* (Leite,2001). Seus processos de intervenção nos *espaços públicos* explicitam os *contra-usos*: movimentos heterogêneos e imprevisíveis, que subvertem os *usos* esperados e possibilitam a origem de diferentes *lugares*, a partir da demarcação socioespacial da diferença e da (re)significação. Nesta perspectiva, tais intervenções são inclusivas, na medida em que propiciam o surgimento e o exercício de singularidades, oportunizando expressões distintas e reivindicações diversas. Logo, estas intervenções propõem uma transformação do sentido *público* do espaço urbano e uma (re)ordenação da sua lógica interativa.

4 PEREGRINOS: retomando diários e a produção com imagens

Oi leva eu
Oi leva eu, povo da rua
Eu também quero ir, povo da rua
Que já chegou a missão, vamos todos nos unir
Leva eu, povo da rua
Nestes tempos tão difíceis, povo da rua
A cidade vai ouvir, povo da rua
O grito dos oprimidos pra justiça construir
Leva eu, povo da rua (Hino do Povo da Rua, autoria desconhecida)

Um *campo*, dois *pesquisadores*



Imagem 46 - Espera para a apresentação Tertúlia 2013. Eu e Pedro, colega de projeto e companheiro em muitas situações etnográficas decisivas para esta pesquisa. Eu intensidade, ele constância; eu *ar*, ele *terra*; ele homem, eu mulher. Ao longo deste trabalho, serão narradas algumas das “aventuras” compartilhadas. Por Pepe Martini.

4.1 INQUIETAÇÕES ETNOGRÁFICAS: as questões que guiam o *antes*, o *durante* e o *depois* do *campo*

O que é ser um *peregrino*? Qual a ética de pertencimento a esta categoriaêmica? Que tipo de perspectiva e fruição estética da cidade está envolvida na *peregrinação*? Como os *peregrinos* compreendem e interagem com o espaço urbano? Como se tecem as redes afetivas? Quais as *lutas* do cotidiano de um *peregrino*? Como enxergam o sedentarismo? Que *mundos possíveis* podemos imaginar- da ciência ao senso comum- ao levarmos em conta a ética, a estética, os saberes e as práticas da *peregrinação*? Esses seriam *mundos* de *Estados*, de *Sociedades* ou de *Famílias*?

Neste capítulo, trago fragmentos do *tempo-espaço* vivenciado com os *peregrinos* em variados lugares da cidade de Porto Alegre, sendo este um exercício de aprendiz dos *feitiços* etnográficos e da *magia peregrina*.

A seguir, esquemas variados do *ver, ouvir, escutar*. *Pedaços* (significados e significantes) de diários, de anotações de campo, alguns trechos de filmagens decupadas (apenas). Enfim, as ferramentas artístico literárias que aprendemos a desenvolver para bem *coletar* os *dados* de pesquisa e elaborar nossas bricolagens a respeito da matéria e do sonho, da palavra e do silêncio. Saliento que a identidade dos colaboradores será preservada pela letra “x” no meio de seus nomes; aqueles que podem ser evidenciados: a parceria com colega Pedro e figuras públicas- políticos e funcionários dos equipamentos governamentais.

4.2 AS LUTAS DO MNPR



Imagem 47 - reuniões no SIMPA, 2013. Por Gabriela Jacobsen.

Abaixo, alguns relatos de campo elaborados ao longo da pesquisa e compartilhados com a equipe do projeto *Moralidades e Subjetividades nos Circuitos de Atenção à População e Situação de Rua de Porto Alegre*, coordenado pela pesquisadora Patrice Schuch, no qual era bolsista de extensão.

20/06/2013

Email de convite enviado pela professora Maxx Gaxx e encaminhado pela professora Paxx, para a participação na reunião no SIMPA da pop. moradora de rua (e interessados na questão)

A reunião foi marcada para às 14h no SIMPA (sindicato dos municipais de Porto Alegre) com o objetivo de resgatar o histórico do movimento da pop. de rua e retomar a organização dissipada “aproveitar o momento público de efervescência” (as manifestações em todo o Brasil)

Muitas pessoas, umas trinta, entre apoiadores e usuários dos equipamentos: abrigos, albergues e centro pop.

Roda de apresentações inicial: Cada um se apresenta com o nome e abrigo que utiliza, ou instituição que trabalha e intenções em participar da reunião

Paxx- Bom Jesus

Elizxx- Bom Jesus

Cxx Rxx- Marlene

Janxx.- Bom Jesus (atualizações)

Joxx- Centro Pop

Ricxx- Marlene

Michxx- Marlene

Luxx- Marlene

Joxx Amxx- Marlene

Dixx- Marlene

Andxx- Centro Pop

Rosxx- Movimento Começar de Novo

Fáxx- Centro Pop.

Maxx-Marlene

Mexx- Centro Pop

Jonxx- Centro Pop.

Juxx Roxx- Centro Pop

Crixx- (?)

Huxx- Centro Pop

Atíxx- Centro Pop

Jxxx dx Dxxx-

Duxx- Marlene

Kaxx- antiga pop. de rua, já possui moradia, facilitadora FASC

Demora um pouco para começar devido a problemas técnicos no

equipamento audiovisual a ser utilizado para apresentação de um vídeo: resgate histórico do movimento da população de rua *Movimento Aquarela* em articulação com o movimento nacional em 2008 transforma-se em Movimento Pop. Rua

Este encontro é de retomada do movimento

Segundo a apoiadora (e trabalhadora de equipamento da FASC) Vexx que há vários anos é ativa junto à Pop. de Rua, o movimento teve seu ponto forte entre os anos de 2008 e 2010, apresentando um arrefecimento em seguida. Foi a primeira a perguntar de onde eu era, dizendo achar legal eu ter recebido o email e comparecido.

Após várias viagens de alguns membros ativos do movimento, articulando-se com movimentos em outras regiões do Brasil, com encontro em Salvador e Floripa, o movimento em Poa começa a ser retomado, em forte articulação com a região sul: em novembro planeja-se um seminário da Pop. de Rua da região sul em Porto Alegre- já iniciando a procura do local e apoio para a realização do evento

Após o decreto instituído no Gov. Lula, no qual a Política de Atenção à Pop. de Rua, mais demandas a serem apresentadas, como um lugar no grupo interministerial, mais delegados da Pop. de Rua nos Conselhos de Assistência Social e etc.

O primeiro passo de retomada do movimento é a participação na discussão nacional de um Estatuto da Pop. de Rua

Questão levantada: Projeto de Reordenamento de Serviços para abrir concursos para compor as equipes era para sair este, andamento muito lento diz Vxx. Também estão presentes outros apoiadores-trabalhadores, Lexx, Maxx

Questão levantada: qual o papel dos apoiadores e/ou trabalhadores-apoiadores na ajuda ao movimento- questões de iniciativa, organização e etc.

Após o vídeo (fotos e música das atividades do movimento Aquarela e do Pop. De Rua) começa a rodada de falas ao microfone:

Paxx- Participou do Movimento Aquarela, acha que tem que se falar sobre a COPA e o que isto modifica/prejudica a vida da Pop. de Rua

02/08/2013

Questão da saúde: consultório na rua e fechamento do Santa Marta

Questão dos abrigos pós-internação de hospitais

Questão do Seminário de Novembro: Professora Thxx informa que conseguiu espaço do colégio aplicação para realizar o evento; Anderson, companheiro do MNPR de São Paulo oferece verba para aluguel de espaço do seminário.

Entrega (por mim) do Código de Ética do Antropolog@- alguns nem se importaram, os que leram acharam interessante e curtiram dizendo “é isso aí, é lógico”.

Pauta sobre conflito em relação ao nome para delegado no CEMAS: Richard, como único representante no momento de escolha do delegado da pop. em situação de rua, pôs seu próprio nome “para não perder a vaga”, já que não havia outros do movimento lá; após isto, na reunião do movimento seguinte a isto, relatou o fato, obtendo consentimento unânime dos presentes na reunião para que seu nome fosse mantido; porém, durante a semana, no abrigo Marlene, outro usuário questionou a legitimidade desta representação, criando conflito e discórdia. Na reunião deste dia, mais uma vez, os presentes apoiaram e ratificaram o nome de Rixx como delegado no CEMAS.

Alguns destes “facilitadores” apareceram na propaganda da gestão de Fortunati

Denúncia de um usuário do abrigo Marlene: ventilador causa incêndio e não havia extintores para apagar- apenas um “meio escondido” a água, ou seja, ineficaz no caso de incêndios provocados por problemas elétricos; no Centro Pop também há falta de extintores.

Na quinta-feira, eu, juntamente com a comissão do MNPR, nos dirigimos a São Leopoldo para apurar os acontecimentos de lá; fomos de trem e nos encontramos com alguns usuários e as educadoras sociais que sofrem os processos e as ameaças na praça Dos Brinquedos; conversou-se bastante, as coisas estão muito ruim por lá mesmo, Carol e Bruna, deram um jeito de esconder Bacana, usuário que sofreu atentado a tiro por um CC; elas estão sofrendo processo de desligamento e não recebem há dois meses, esconderam o cartão ponto delas

09/08/2013

Pauta de participação no Seminário do dia 03/09/2013, no qual a pop. de rua juntar-se-ia ao Movimento dos Catadores para realizar um dialogo com as instituições que intervêm no cotidiano de ambos os grupos; articulação inicia juntamente com a Comissão dos Direitos Humanos da Câmara de Vereadores, principalmente através da vereadora Fernanda Melchiona.

Núcleo de Direitos Humanos da Defensoria Pública demonstra interesse em ser parceiro do MNPR, oferecendo espaço da defensoria para as reuniões do movimento; João Carmona Paz dispõe-se ao que precisar;

Comissão de Saúde do MNPR elabora ofício com pedido de agendamento de reunião ao Secretário de Saúde.

Para denúncias, passou-se folders do Núcleo do CNDDH PSR/CMR centroddh@gmail.com (51) 8x6x3x3x (celular para ligação de emergência)

Questão dos acontecimentos de São Leopoldo: CC tireteia uma

referência da pop de rua de lá, tendo ele a necessidade de se esconder para preservar sua integridade física (vida); educadores e assistentes sociais são perseguidas por defender os usuários- cartão de ponto some, recebem suspensão sem recebimento de salário; além de receberem ameaças contra suas vidas; é combinado então que na quinta-feira da semana seguinte uma comissão do MNPR RS iria a São Leopoldo para conversar com os envolvidos de lá, e colher relatos que pudessem servir para alguma atitude mais formal em relação às instituições.

Presença dos usuários de Novo Hamburgo e do trabalhador Caxx: questão do restaurante comunitário; Centro Pop. possui 80 vagas, mas atende 120 usuários; o albergue possui apenas 12 vagas (segundo Carlinhos, muito pouco para atender a todos os que procuram o serviço); Ação Inverno- já que não há vagas suficientes nos albergues e abrigos, Carlinhos, indignado e triste, relata que tiveram que distribuir cobertores pelas ruas nos dias muito frios; relata também que não há como servir alimentação no Centro Pop.; parceria CAPES- centro que está atendendo as pessoas na rua; consultórios na rua também em N.H.; há intenções de começar um trabalho de saúde da família; questão de que N.H. possui muitas fábricas abandonadas, espaços ocupados pela Pop. de lá.

Relato sobre a cooptação de usuários e ex-usuários (os “facilitadores”): Kevin Kruger promete priorizar nome dos que colaboram e não reclamam, denunciam, e aos que participam do programa da FASC enquanto “facilitadores”, na fila do DEMABI; inclusive; relatam que um outro educador social teve que mudar de endereço (cidade) e que ficou mais de três meses sem receber; ameaças de morte e gente vigiando e lhes seguindo é frequente; disto sai uma comissão para tentar uma audiência com a Secretária de Assistência Social- conseguem e ficam cerca de duas horas em reunião com ela, marcando uma outra reunião para o dia 27/08/2013, na qual a Secretária promete verificar as denúncias e tomar providências de mudança no atendimento prestado à Pop rua de São Leopoldo; ela diz ser cristã, diz querer “salvar” as pessoas que se encontram nesta situação, quer “tirar” todos da rua, mesmo quando estes não o desejam.

23/08/2013

Presença de Marina Moretto, consultora dos Direitos Humanos que tem viajado pelo país em avaliação da política Nacional da Pop. de Rua; alguns dias antes uma comissão do MNPR reuniu-se com Marina, sendo o Direito ao Uso da Cidade a pauta principal; 3 meses de resultado de pesquisa e levantamento da situação dos serviços pelo país.

Em reunião (alguns usuários do MNPR) com a Defensoria Pública é pautada a organização do seminário: segurança, internação compulsória, restaurante popular, mega-eventos e as ações truculentas em consequência deles, remoções, vínculo e atendimento dos Serviços de Saúde, o jornal Boca de Rua e a questão dos “flanelinhas”.



Imagem 48 - Folder distribuído para divulgação do seminário.

Decreto que Institui Comitê: no dia 10/09 reunir-se-ão usuários e gestores para definir a composição do Comitê;

Questão da metodologia do seminário: 10 grupos, 10 nomes do MNPR; 3 coordenadores- pop. de rua, servidores, universidade.

Ideia da criação de um Guia de Serviços para a Pop. de Rua acessar Instituições Públicas, ONGS, Movimento Sociais e etc., os quais envolvidos com a questão e que possam dar um rápido respaldo em situações de emergência e dificuldades cotidianas (seguindo modelos europeus e de Caxias do Sul)- escolher 2 representantes até 27 de setembro

Questão das relações dos serviços em escala local, regional, nacional das políticas implementadas

Rixx coloca a questão dos 2 seminários

Convite da Frente Autônoma para a construção coletiva do “20 de setembro”

Dona Jaxx traz a presença marcada de Kevin para a reunião do dia 30- muitos duvidam e dizem que, caso alguém venha, com certeza não será ele.

Comissão de saúde marca reunião para a quarta-feira para elaborar carta ao Secretário de Saúde

CONFLITO: Questão da reunião marcada em São Leopoldo por Baxx, referência de lá- Sr. Jxx dx Dxx sente-se deslegitimado enquanto representante escolhido do RS no Mov. Nacional, assim, desmarca a reunião, pois alega que bacana “atropelou” MNPR e que ele não representa o grupo, tampouco a Pop. de Rua do RS; os presentes contrariam seu Jxx, alegando que agora que haviam se compromissado em comparecer não poderiam faltar, pois isto não seria uma postura apropriada para o MNPR, pois eles devem cumprir com a palavra dada; em seguida, seu Jxx dx Dxx coloca sua representação em votação, muitos vão embora indignados, começa uma grande discussão e “bate-boca”, perdendo-se totalmente o controle das inscrições para fala; nisto, a apoiadora Vexx impõem-se, alegando ter legitimidade para opinar na questão, mesmo não sendo Pop. de Rua, por ser há muito apoiadora e por ter uma história construída junto nesta luta, alega autoritarismo de Jxx; na sequência, Vexx traz o conto *Na Carpintaria: Contam que na carpintaria houve uma vez uma estranha assembleia. Foi uma reunião de ferramentas para acertar suas diferenças [...] O martelo exerceu a presidência, mas os participantes lhe notificaram que teria que renunciar[...] Naquele momento entrou o carpinteiro, juntou o material e iniciou o seu trabalho [...] Quando a carpintaria ficou novamente só, a assembleia reativou a discussão. Foi então que o serrote tomou a palavra e disse: senhoras e senhores! Ficou demonstrado que temos defeitos, mas o carpinteiro trabalha com nossas qualidades, com nossos pontos valiosos e se concentra na criação [...] Foi assim que a assembleia entendeu que o martelo era forte, que o parafuso unia e dava força, a lixa era especial para limar e afinar a aspereza e que o metro era preciso e exato, qualidade também necessária no processo. Sentiram-se, então, uma equipe capaz de produzir móveis de grande beleza e qualidade [...] É fácil encontrar defeitos, qualquer um(a) pode fazê-lo. Agora, encontrar as qualidades do outro, isso é para os sábios em um mundo que teima em nos individualizar, em nos tornar seres solitários.* e apazigua os ânimos exaltados; final da história: seu Jxx dx Dxx continua representante do MNPR no âmbito nacional; decide-se comparecer à reunião com o pessoal de São Leopoldo nos dias 26 (Pop. Rua) e 27 (Secretária) e todos os presentes são chamados para uma foto (entrar em contato com quem tirou!), inclusive a Profa Paxe, assim como outros estreantes na reunião (amigos do interior do apoiador Bixx), foram “intimados” a posar...

30/08/2013

Presença dos representantes da FASC, Julia (alta complexidade), Lan (média complexidade) e Marcelo (vice-diretor da FASC)

A reunião ocorreu extraordinariamente, pois as etapas de informes,

pautas e, até mesmo, de inscrições para falas não ocorreram como o habitual.

Eram poucos os presentes, acredita-se que devido à paralisação dos ônibus, ocorrida no início e meio da manhã em Porto Alegre. Entre os presentes estavam: Rixx, Janxx, Atíxx, Roxx, e dois outros que não conhecia; chegando mais três usuários ao final da reunião que não se apresentaram; de apoiadores estávamos eu, Maxx e Crixx, e seu amigo Guxx (com uma câmera fotográfica, como da outra vez).

Distribuimos convites para serem distribuídos pelos usuários aos demais e também aos que não acessam os serviços; eu mesma fiquei com 3 convites de tamanho A4, para colar pelas ruas. Tirei algumas fotos, julgadas importantes para o registro das presenças dos representantes da FASC durante a reunião.

A dinâmica deste dia ocorreu mais ou menos assim: Rixx começou lendo e relatando questões cotidianas que incomodam os usuários, porém, entre uma fala sua e outra, os representantes da FASC pediam fala; assim, as falas com denúncias, queixas e sugestões da representação dos usuários, eram submetidas a longas interrupções - muitas com tom de justificativa, outras com teor de discurso, apelo por colaboração, algumas quase como promessas- feitas pelos representantes da instituição. Por vezes estas falas eram interrompidas também por Roxx e Janxx, cada qual com um estilo próprio: Roxx para dizer como deveriam implementar as políticas de enfrentamento e melhoria dos serviços, Janete para se queixar de situações específicas vivenciadas por ela e/ou outros usuários.

Parecia, em alguns momentos, uma prestação de contas aos usuários.

A reunião seguiu neste ritmo de “ping-pong”: Rixx relatava e os representantes o interrompiam (quando conseguiam de maneira “educada”), pedindo fala e rebatendo as questões, hora concordando, hora anotando as queixas, hora justificando-se; pouco de concreto, em termos de ação, verificou-se; o que mais se ouviu é que se está trabalhando para melhorias, que há muitas coisas para fazer, que existem muitas dificuldades, que outros setores dependentes de atendimento também são motivo de preocupação e muito trabalho; falou-se dos desabrigados da chuva recente; comprometeram-se a averiguar as situações relatadas e tomar providências; frisaram a importância de se comparecer nas assembleias dos abrigos; quanto aos relatos de retaliações e perseguições, sinceramente, lembro mais das expressões faciais e não das palavras, sempre frisando a importância de se continuar denunciando – não se anotou nomes dos trabalhadores que praticam a coerção; porém, garantiram que os usuários que comparecerem nas assembleias e trazerem suas questões não sofrerão qualquer tipo de problema por isto. Além disto, concretamente falando, falou-se que as repúblicas que estavam previstas, duas, ainda esta ano estarão prontas, com doze vagas cada; está previsto também a reforma e divisão do Marlene e Centro Pop (acredito que não para este ano).

Pude notar a mudança de comportamento dos usuários, estavam mais brandos, mesmo Rixx nas suas falas mais duras, quando interrompido por uma fala de “cumplicidade” e “nós sabemos e estamos trabalhando nisso” abrandava o tom. Os representantes da instituição foram bastante ouvidos e tiveram espaço privilegiado de fala, como quando se recebe um convidado em casa.

Ao final, pedi inscrição de fala- o que não estava acontecendo. O tema da minha fala deu-se em torno da questão do protagonismo dos usuários (previsto pelo SUAS) na elaboração e implementação das políticas de atendimento.

Os representantes da FASC, não ficaram até o final da reunião, alegando compromisso e muitas tarefas em relação ao abrigo de menores que desabou por causa da chuva e a transferência deles para outro espaço temporário; encaminhado-se para deixar o espaço, pediram permissão aos usuários: “você nos liberam agora?”

04/04/2014

Convite para participar do encontro na Câmara de Vereadores dia 09/04- sobre segurança e direitos humanos. Construção do seminário de segurança pública com a temática Pop Rua

Reforma do Sta Marta, boa notícia: funcionará em maio

Marlene também está sendo reformado o que é atribuído à pressão que o movimento tem feito

Diaz da Cruz- já estão saindo

novos: Éxx e “olhos bonitos”

Fabxx escrevendo

Cíxx faz convite para Rádio na Rua; ciugarro e cachaça são proibidos nos abrigos>por isso não vão

Joxx Luxx

Chaxx (centro pop1)

Faxx fala em capacitação da pop rua para trabalhar na copa

senhor “em situação” denuncia de terem que ter ficado nus na Praça Garibaldi: “a Brigada deu um susto”

seu Jxx preocupado: “eles estão muito silenciosos”; “vamos fazer uma resistência, lei na mão”

segundo congresso nacional pop rua em maio em Curitiba (copa e

habitação)

pop rua trabalhando por pouco dinheiro nas obras da copa

fala repetida: “a dinâmica da rua”

4 capacitações sobre tema do congresso

grupo de samba do centro pop 1

frase bastante citada: “protagonismo do usuário”

secretaria de saúde Caxx

preocupação com a questão do problema mental (“não conseguem se capacitar”) e problema drogas: tratamento diferenciado

sugestão (minha) de encaminhamento questão copa: rede-termos o contato uns dos outros; cada um ou cada grupo ficar responsável por uma área; ficar “de olho”, aproximar-se do pessoal da área; ser conhecido por eles; criar vínculo para manter contato e vigilância das questões de violação

medo da higienização da copa causa aglomeração>briga do viaduto da conceição (brigada deixou acontecer)

pessoal do SAJU: Fexx sugere oficina sobre violações e direitos

grupo de ação contra a higienização- paralelo

pessoal do programa de Defesa do Defensor dos Direitos Humanos (civil)

27 de abril comemoração 2 anos de Rádio na Rua (programa centro pop1): Redenção unidade móvel

No suporte dvd deste trabalho os títulos: *Rádio na Rua* na Redenção, *Seminário de Segurança Pública Câmara de Vereadores 8 de maio* e *Manifestação #NÃOFECHAAEPA* apresentam uma outra camada desta pesquisa, na qual os assuntos pautados na reunião extrapolam a *duração* do relato.

07/04/2014

Ação Copa

Praça Garibaldi às 14h eu fui a primeira a chegar. Depois Tixx, Maxx, Pedro, Crxx- já havia uma mestranda em Serviço Social (Axx), que trabalha no educa Saúde mental.

A ação demora. Comportamento pessoal. Os grupos são formados.

Locais da ação são decididos com muita dificuldade: marmitta da redenção, harmonia, farrapos e etc.

Fiquei no grupo responsável pela marmitta da redenção, com Pedro e seu Jxx dxx Dxx. Combinamos para o horário de entrega da marmitta, um pouco antes, umas 19h.

Senhor Jxx Lxx conta uma história deprê.

.....

Na redenção, converso com Edxx e convido ele para participar da atividade do *Boca de Rua na UFRGS* no dia seguinte, e também a vir na reunião do MNPR. Ele fala que “política é sempre a mesma coisa”, mas fica de ir. Na atividade na UFRGS se mostra mais interessado.

Seu Jxx dxx Dxx faz questão de tirar fotos com a galera da marmitta da redenção junto à bandeira do MNPR (celular Pedro).



Imagem 49 - Manifestação *Não Vai Ter Copa*, Pedro, Bxxo, eu e militante do MNPR, em 12 de

junho (dia da abertura da Copa FIFA) de 2014.

Em relação a esta fotografia são necessárias algumas reflexões. Ela denota o engajamento político dos companheiros aprendizes de etnógrafos. O engajamento enquanto apoiadores do *MNPR* aponta que o exercício da profissão de antropólogo@ exige a todo momento tomadas de posição. Neste caso, o engajamento político em si é uma postura epistemológica que modifica os rumos da pesquisa: testemunhamos a conseqüente *metamorfose* dos envolvidos pela simples interação ocorrida no dia *Ação Copa*, na quentinha da Redenção (narrado acima) e vemos, daí, nesta *duração*, aparecer o entrelaçamento das reivindicações de sujeitos pertencentes a distintas *camadas* sociais. Fato que corrobora para a validade ainda atual do interacionismo de Simmel e dos conseqüentes estudos de Gilberto Velho no que tange as questões da riqueza, da multiplicidade das *formas* e dos *conteúdos* e, principalmente, das *possibilidades* da *vida* em contexto metropolitano: Bxxo não é mais o *morador de rua* que acreditava que política é sempre a mesma coisa, ele agora vai a todas as reuniões do Movimento, participa do GT de Segurança Pública da Comissão de Direitos Humanos da Câmara Municipal; do Comitê Pop. Rua da Secretaria Municipal de direitos Humanos; de todas as audiências públicas ligadas ao tema *rua*; posta no *facebook* fotos e vídeos das *lutas* das quais participa; em *chat* bate-papo da mesma rede social, diz sentir saudades pela minha ausência dos últimos tempos em função do *tcc*; Pedro e eu, a cada interação, chegamos um pouco mais perto do *outro*, aprendendo a cada pequeno gesto em campo sobre o significado de *alteridade* e, talvez, arrisco a dizer, juntos tenhamos experimentado um pouco do tal *aha* antropológico (cenas da próxima seção). As vezes fico pensando sobre estas questões tensionadas pela prática etnográfica, a tentativa de conhecer *outros mundos possíveis*: será a Antropologia uma *desculpa* ocidental para deixar-se levar pelo outro? Até que ponto é *prática etnográfica* e até que ponto é *metamorfose*?

5 PAISAGENS E TERRITÓRIOS *PEREGRINOS*

5.1 A ALDEIA

Na Aldeia habita um grupo de *peregrinos*. Situa-se ao lado da câmara de vereadores, e começou desde junho de 2014. Um dos grandes medos dos habitantes da *Aldeia* é o despejo violento por parte dos equipamentos dos governos municipal (DEMABI) e estadual (Brigada Militar). Na ocasião do dia da visita, já havia combinado de filmar antes, meu interesse em levar a câmara era de captar imagens que narrassem o modo de organização, as condições de vida e o cotidiano da *Aldeia*; para os colaboradores, uma questão de produzir um álibi de proteção face as possíveis violações de direitos promovidas pelo temido despejo.

Tarde na Aldeia, 16 de agosto de 2014

Na reunião do MNPR de sexta-feira (15 de agosto) Bxxo mostrou-me fotos da visita de Pedro e Txxo na sua aldeia (ao lado da câmara municipal). Ao mostrar, dizia: vem também!

Combinei com ele de ir no sábado pela manhã (16 de agosto). Cheguei lá pelas 13h e 30 min. Pedro, meu colega de projeto, já estava lá, almoçando. O almoço que prepararam para nos receber era feijoada com arroz. Havia também bastante cachaça/vodka com kisuco. Todos bebendo e rindo bastante, o cheiro de fumaça da lenha queimada do fogão improvisado e de cachaça no ar...

A maioria do pessoal já havia almoçado, mas muitos ainda continuavam comendo- a fartura é grande, muita carne, muito arroz, muito feijão e farofa. E ainda muita carne crua, dentro de um grande saco plástico que ainda não tinha sido utilizada.

Sou apresentada a todos que ainda não conheço (entre eles o líder da aldeia): Mxxo P (p de preto, o líder), Mxxo B (b de branco), Vxxa (Vxxa, esposa de Maurício P, a “primeira dama”), Deivyd, a esposa de Mxxo B, Márxx (o pépé), Elxx, a namorada de Elxx (que tem casa, mas está na aldeia para ficar com ele e colher material para o livro que está escrevendo sobre a rua...), Jaxx (pouco contato, ficou na sua barraca a maior parte do tempo, não quis ser filmado- o rosto)...

Havia separado algumas roupas minhas, que não estava utilizando, para levar. Entreguei-as assim que cheguei. Disseram que eu deixasse com Val, que de pronto encarregou-se de colocar as coisas em um carrinho de super, dizendo “a gente deixa tudo aqui e faz a partilha depois”. De fato, instantes depois, Vxxa começou a separar algumas coisas... a esposa de Mxxo B também... em seguida começou uma pequena discussão por causa das roupas (me senti mal, pois a discórdia se dava por causa das roupas que levava...); os outros começaram a intervir; a namorada de Mxxo B recuou, posicionando-se atrás dele enquanto dizia que apenas estava olhando, que iria esperar. Vxxa, em contra partida, dizia que ela estava querendo pegar as coisas antes da partilha, “queria tudo pra ela”... “o problema é que depois eles vendem pra comprar crack...” dizia-me ao pé do ouvido quando a outra não olhava. Na aldeia, é combinação não fumar crack por lá, é a droga interdita: se quer fumar, tem que se ausentar pra fumar, se não “fica muita chinelagem”. Todos pediram desculpas pela discussão, e disseram “aqui é assim, a gente briga mas é uma grande família”. Em seguida, as duas mulheres já estavam rindo juntas. A impressão que tive foi a hegemonia da esposa do líder, Vxxa, pois ela é a principal responsável pela partilha das coisas e, segundo a namorada de Elxx “ela pega as melhores coisas pra ela”. Convidam-me a sentar e ajeitam um balde branco, desses de construção. Sento. Muitos dizem “tem que comer, almoça!”, respondo “vou fumar um cigarrinho antes”. Acendo o cigarro, um deles me pede um, dou-lhe. Enquanto fumo Bxxo me pergunta “trouxe a câmera? (ele sabe e incentiva os registros que temos feito de vários eventos, como a atividade com o Boca na UFRGS, os seminários na Câmara, a Rádio na Rua na Redenção, fotos das patrulhas-Copa e etc)

Pode filmar! Filma agora!”. Pergunto a ele se todos estão de acordo e ele diz “pode filmar!”. Então digo que é necessário pedir autorização para todos, explico mais ou menos o que pretendo- pois todos falam comigo e me perguntam diversas coisas ao mesmo tempo-, a maioria concorda em coro, pois ouviam atentos à minha conversação com Bxxo. Aqueles que dizem “não quero aparecer” continuam por ali, e lhes digo “ninguém que não quer aparecer será filmado, isso não se faz em nenhum momento”. Daí tento trazer um pouco da noção da ética antropológica, explicando que o consentimento e a confiança são duas coisas essenciais para este trabalho e que, sem estas duas coisas, não existe trabalho.

Termino o cigarro. Pedro me serve no prato que ele estava comendo. Peço para servir pouquinho (estava com o estômago fechado, tinha comido bem no final da manhã, além de toda a agitação me tirar a fome, porém não queria dizer e tampouco deixar comida no prato). Eles dizem “tem que comer bastante”. Pedro saca e me serve razoavelmente, nem de mais, nem de menos. De modo que pude comer tudo, tranquilamente- estava bem saboroso, temperadinho. Quem cozinhou naquele dia foi Mxxo B- “tá gostoso? Fui eu que fiz!”. Assim que viu que terminei o prato, Bxxo diz “filma”.

Começo a filmar a ambiência, sem focar em ninguém, captando o ambiente da cozinha improvisada, a comida e o “fogão” de um lado, as barracas, os colchões daqueles que não tem barracas e os materiais

recicláveis para vender (fruto das “correrias”) de outro. Muitos cachorros, pois eles “não deixam ninguém vir durante a noite” (até um filhotinho, chamado Júnior, que está sempre dormindo hora na barraca de um, hora na barraca de outro, é o mascote da aldeia). David se interessa bastante pela câmera, digo-lhe que se quiserem também podem filmar, que o objetivo do trabalho era mostrar a sua perspectiva, e que compartilhar a câmera era uma das maneiras de mostrar. Parece gostar da ideia, e diz querer filmar um pouquinho depois.

Segui filmando um pouco. O casal Mxxo B parece bem interessado também. O discurso do casal pra câmera é “nós somos uma grande família”. Um outro, Mxxo, entra no clima, horas dizendo “me filma”, horas dizendo “não me filma, não me filma”. O casal segue falando sobre a vida da aldeia, sobre como conseguem dinheiro com a reciclagem, mostram um carrinho cheio de material, como dividem as tarefas, as correrias com água, comida, bebida e drogas. O casal e Mxxo fazem brincadeiras com gestos um tanto obscenos, rindo muito. Mxxo P, o líder, não gosta, pois acha que isso vai queimar o filme da aldeia. Então filmo o casal declarando que aquilo “era apenas uma brincadeira”. Segue a interação e Mxxo B pede para filmar, assim ele me “entrevista”, perguntando o que acho sobre “os moradores de rua”, se alguma vez senti medo e etc. Nisso as gurias começam a experimentar as roupas que levei, e me chamam a todo momento para mostrar como elas ficam, interrompendo a “entrevista” de Mxxo B. Ele segue me entrevistando, e eu respondendo, tentando ser o mais sincera possível, são perguntas difíceis, mas presto a atenção nelas enquanto caras pistas de como se enxergam e de como creem que os de fora, os com residência fixa como eu, os enxergava

No meio da entrevista, num surto, Mxxo derruba a câmera da minha mão (ele que em vários momentos pedia tanto para ser filmado, quanto para não ser). Nesse momento, ele estava atrás de Mxxo B e não aparecia na filmagem. Foi uma comoção, pois eu dizia que pararíamos de filmar, e os outros diziam para que continuássemos filmando. Porém, percebendo a falta de consenso entre eles, resolvi parar e falar com Mxxo que, neste momento, já tinha virado o “outro” Mxxo, já de volta em seu colchão (em frente à cozinha improvisada), e pedia desculpas, que podia filmar e que havia feito aquilo porque os “jornalistas” fazem imagens deles sem a sua permissão. Abaixei-me e sentei em frente ao seu colchão, segurando firme sua mão e olhando no fundo dos seus olhos falei: “em momento algum tu será filmado se essa não for a tua vontade. Eu não sou jornalista”. Os outros estavam super chateados com a reação de Mxxo, e diziam que não era para parar de filmar, que era para continuar. Resolvi guardar a câmera (a contra gosto da maioria). Disse que mais tarde, quando tudo estivesse mais calmo continuaríamos, que era melhor “dar um tempo”.

Audiovisual: “Entrevistada por M.B.-Desfile das gurias- Câmera ao chão”

Foi bom. Porque depois disso os ânimos, agora Mxxo B, Bxxo e Mxxo P, começaram a se exaltar. Não entendi muito bem como começara, porque neste instante interagira com as gurias, que experimentavam as roupas. Quando nos demos conta, Mxxo P chingava Mxxo B (aparentemente porque ele “estava demais”, como disseram, parece

que estava incomodando Beiço). O chingamento virou agressão, as mulheres começaram a gritar e a tentar separar os companheiros, uns tentavam separar, outros vinham pedir desculpas a mim e a Pedro... várias vezes seguraram Mxxo P. Ao que parecia, Mxxo P estava tentando por “ordem e respeito” em Mxxo B (que “estava demais”). A iniciativa de repreensão física vinha do líder, o outro apanhava, revidando “por quê?”, “me ouve”, “eu te amo, cara”... as coisas foram indo assim... alguns choravam consternados, como Mxxo, que dizia “isso não pode acontecer, eu perdi a perna assim”. Até mesmo Dxxd, que até então não havia se envolvido (muito pacífico e “fofo”) deu uns sopapos em Mxxo B. Foram até quase a avenida nesse movimento, entre gritos, pauladas e choros... Vxxa caiu no chão tentando acabar com aquilo. Voltou à frente da cozinha improvisada reclamando de sua pressão alta; sentou; demos água para ela. O casal Mxxo B foi embora.

Durante todo o tempo da briga, Pedro e eu não tentamos intervir, ficamos parados, cada um num canto, em frente à cozinha, quase “transparentes”, entre uma troca de olhar e outra, permanecemos em silêncio, apenas “tranquilizando” com ar de normalidade aqueles que vinham nos pedir desculpas- “que vergonha isso, na frente das visitas, isso é uma família, família briga às vezes, mas não é sempre assim, desculpa aí” (concordávamos com onomatopeias e com a cabeça).

A tarde segue, muita cachaça e outras cositas más. O radio (tamanho médio) toca sem parar, na maior parte do tempo, pagode. Sinto Bxxo, o principal interlocutor meio coadjuvante neste dia. Jacaré aparece, diz que “está fora do *matrix*” (parece chapado de cola ou algo do gênero). Pedem para que eu filme a sua tatuagem... êxito um pouco, pois não há um consentimento muito claro da parte de jacaré... e então Dxxd pede para filmar. Ele é o que mais tem noção de enquadramento, muito atento às explicações básicas sobre os recursos da câmara que lhe passo rapidamente. Muitos takes foi ele quem teve a iniciativa de filmar.

Audiovisual: “Dxxd Câmera Man”: Nesse trecho vem a noção de a rua ser um “espaço pequeno”; questiono, puxando a reflexão sobre quem mora num espaço pequeno- “eu moro num espaço pequeno- a rua não é um espaço grande?” Queria com isto compreender melhor essa noção de espaço, um local amplo visto como pequeno... quais seriam os motivos, as percepções? Mas acredito ter perdido a oportunidade, pois acho que não me expressei bem, fazendo com que David modificasse um pouco o seu discurso (merda!)

Assim, Dxxo: Dxxo é um peregrino que encontro às vezes com Bxxo, nas redondezas do largo Zumbi; às vezes vai nas reuniões do MNPR, mas não fica muito tempo (diz não ter paciência, se indigna com as discussões, as vaidades); na pracinha do largo zumbi participou da confraternização de aniversário do Cxxo; uma vez eu, Bxxo e Pedro fomos tomar um café após a reunião, era o mês da copa; estava chovendo; Dxxo apareceu ao final da reunião em frente ao SIMPA, e foi tomar café com a gente... senta-se um pouco longe da mesa, de um modo que possa cuidar sua bicicleta (do tipo pequenina), que fica estacionada na rua, na porta do bar; com o olhar desconfiado, quieto, sério, responde às perguntas e só. Porém, sempre muito atento e por dentro dos assuntos. Ele aparenta ser muito cético, não se envolve,

mas está sempre atualizado das atividades correntes...

nessa tarde está mais solto e falante- sendo também, assim como eu e Pedro, uma “visita” (aquela visita de casa, mas visita)- mostra-se mais aberto. Foi convidado no momento seguinte em que eu e Beço combinamos a visita, pois estava nessa reunião do MNPR e confirmou presença garantida. Bebe, ri e tem uma atitude protagonista no episódio da câmera com Mxxo, ratificando a ideia de que não se deve parar de filmar (penso: logo ele, o mais cético, está se interessando tanto pelo registro... confesso que a abertura do fechado Dxxo me encoraja). Logo, vendo o interesse e iniciativa de Dxxd, Dxxo apresenta-se como um possível “diretor” e começa a dirigir as filmagens mostrando os detalhes da aldeia, a “realidade do morador de rua”. Acompanho filmando tudo o que o “diretor” solicita. Contudo, ele ainda me chama por “moça”.

Audiovisual: “Dxxo Le Réalisateur”

Vxxa me chama, é hora do lanche: waffel Bauduco de morango e Pepsicola. Dxxo e Dxxd assumem *la tournage*.

Audiovisual: “Lanche da Tarde (por Dxxd e Dxxo)”

Poderia escrever umas 3 outras versões de diário deste dia. Imagens apresentadas sem cortes. Próximo capítulo: *Manhã na Aldeia, a restituição*. PS: a etnógrafa est arreté avec la cigarette.

5.2 A MATRIZ

A *Praça dos 3 Poderes* é um importante reduto dos *peregrinos*, é uma outra *aldeia*. Antes do evento narrado pelo fragmento de diário de campo abaixo, não tinha tido muito contato, apenas uma noite de patrulha para copa, que fiz com Bxxo e um *bem querer*- o Gabri -, fora isso, não era reconhecida por muitos que lá habitam. Neste dia, Ao levar um *bolo* de Tixxxa (acompanhá-lo-ia em seu trabalho de *Facilitador Social* para o *Ação Rua*, programa da FASC) aproveitando o tempo reservado para esta atividade, resolvi mergulhar na “crença” de que iria encontrá-lo como um incentivo para novos reconhecimentos e percursos etnográficos. Meu *feeling* dilatou os limites da pesquisa naquele momento: peregrinar entre a Loureiro da Silva, passando pela Sarmiento Leite, André da Rocha, Borges de Medeiros, Jerônimo Coelho até um banco da Praça da Matriz, perguntando aos peregrinos do caminho “tu viu o Tixxxa passando por aí? Sou da UFRGS, marquei de acompanhá-lo em seu trabalho de Facilitador para um trabalho que estou fazendo.” Sabia, na minha incipiente *malandragem*

etnográfica, que Tixxa ficaria ciente que eu estive no encontro marcado (havia chegado atrasada e não descartava a possibilidade de um possível desencontro). Isto porque os *peregrinos* conhecem *todos os peregrinos*, principalmente, no eixo Centro e Cidade Baixa.

A *rede peregrina* é uma questão que merece um estudo mais aprofundado. Mas saliento aqui que é aquilo que dá a liga, que traz a noção de pertencimento ao universo da *peregrinação*, ser conhecido pelos arredores marca a prática de *peregrinar* pela cidade. Mesmo que se tenha vínculos afetivos mais espessos com um ramo específico da *rede* (o *esposo*, a *esposa*, o *irmão de rua*) só se é um *peregrino* se os *peregrinos* de outros pontos da cidade te reconhecerem como tal- e o reconhecimento precisa se dar por nome/apelido e pelos elementos performáticos específicos, traços característicos da personalidade individual. Este reconhecimento não leva décadas não, há casos de colaboradores desta pesquisa que *peregrinam* nas ruas de Porto Alegre a pouco mais de 9 meses e já possuem apelido e sinais de sua personalidade interativa reconhecidos pelos outros.

07/10/2014

À procura de Tixxa

7-10-2014- O FIM DOS TEUS PLANOS
 Data Estelar: Sol e Urano em oposição; Lua quase Cheia em Áries.
 Agradece ao que de mais elevado e santo consigas imaginar quando
 teus planos forem interrompidos pelo imponderável.
 Agradece em sinal de veneração porque essa será a oportunidade para
 te integrares ao circuito cósmico de distribuição de vida, chamado de
 Universo. Teus planos, conceitos e ideias a respeito da realidade são
 molduras que limitam teu entendimento e quanto mais te agarras a
 essas, mais ignorante te tornas.
 Ignorantes não são os iletrados, mas aqueles que se recusam a
 ampliar sua percepção, mesmo tendo todas as oportunidades para
 fazê-lo.
 Por isso, quando teus planos forem por água abaixo, agradece ao
 imponderável, esse será um convite para ampliases tua percepção da
 realidade e te integrares com maior atenção e consciência a algo que é
 maior do que tua presença individual. Quiroga (fonte:
www.quirogaastrologofacebook.com.br)

Terça feira, dia em que passo o dia todo no Vale, sala 205 (BIÉV/NAVISUAL), dia marcado de me encontrar com Txxxa (peregrino, facilitador do “Ação Rua” da FASC, militante do MNPR, já foi em todas as 3 atividades do projeto nas quais o Boca comparece na UFRGS- Campus do Vale) para registrarmos a abordagem dele como facilitador com o pessoal da rua. Chego ao local do encontro, pracinha do Largo Zumbi, às 18:15, ele não está. É dia de feira, o largo está cheio de bancas e carros. Começo a procurar no entorno, e pergunto para o pessoal que guarda carros (maioria da. rua) se conhecem o Txxxa (Cxxxo) e se viram ele por ali. Falo com Rixx- não mora na rua-, com Axxx- que diz que falará pra ele que estive lhe procurando-, Soldado, todos guardadores de carros e dizem conhecê-lo. Ficam de dar o recado que estive ali, caso o vissem depois. Vou até o prédio do CRAES em frente, bato na porta: “o Txxa está por aí?”- não estava. Fico apreensiva, pois se houve desencontro seria uma pena, uma vez que Txxa diz estar ficando no Albergue Municipal, e teria pedido autorização para chegar mais tarde por causa dessa atividade combinada. A autorização para entrada fora do horário, às 18h (?) é de praxe para os equipamentos FASC. Me sinto um pouco perdida.

É hora do pôr do sol, e o céu de Porto Alegre, após um dia ensolarado, está laranja-azul-rosa. Acho o cenário bonito. Resolvo fazer uma tomada com a câmera, gravar o entorno da pracinha (um local tão típico de permanência da galera da rua). Faço uma tomada de objetos típicos de um peregrino: carrinho, materiais oriundos da catação de lixo reciclado, muitos sacos pretos dentro de um carrinho de super, um colchão inflável, cobertas; uma mesa com alguns artigos como óleo de cozinha, muitas coisas em cima- mas o dono não se encontra. Penso que talvez possa encontrá-lo em baixo do viaduto da Loureiro da Silva ou na Borges de Medeiros.

Sigo na Loureiro (onde falo com o morador da rua Dxxxl se este tinha visto Txxxa, ele diz, com certa dificuldade, que talvez ele esteja na ponta da Redenção, logo após o viaduto da Loureiro. Sigo até o estacionamento da Redenção na frente do complexo da Reitoria. Lá encontro um guardador de carros chamado Jexxxn, o qual já morou na rua por 8 anos (ali, em baixo do viaduto da Loureiro, “no tempo em que ali não era gradiado”), original de Uruguaiana. Pergunto se ele conhece e viu Txxxa, ele conhece, mas não o vê faz algum tempo. Ele sai dali e o acompanho, após passar o viaduto nos separamos. Nessa breve caminhada lhe explico um pouco sobre o trabalho que venho desenvolvendo, lhe pergunto se posso chegar por ali outro dia para que ele me conte um pouco da sua história desses oito anos na rua, ele diz que sim.

Vou até a Borges: nada do Txxxa. Sigo até a Matriz, onde encontro um pessoal esperando as quentinhas e guardando carros, sentados em um banco. Eles parecem conhecer bem Txxxa, sabem de seu trabalho de facilitador, sabem do MNPR, são amigos do pessoal da aldeia (o casal novinho já até morou por lá, gostam muito do pessoal e continuam frequentando como visita, mas não moram mais “o problema lá é que é muita cachaça”- lxxxa e Cxxxn- “lá o pessoal tá sempre com o velocímetro lá em cima” “eu só fumo um, não gosto de beber; se não

gosto de ficar bêbado, por que vou ficar aguentando bêbado?!” “de manhã a primeira coisa que o cara que é tomá um café”

Começo a aprofundar conversa com um deles, Pxxxo, que se interessa muito pelo trabalho e me faz altas perguntas, sempre elogiando quem faz trabalhos junto a galera da rua. Faz-me questionamentos sobre o resultado das eleições, qual minha opinião sobre candidatos que venceram, se eu votei... Abro meu voto, dizendo ter votado nulo para tudo, menos para senador, que votei em Olívio e, que estava inconsolada com a vitória do Lasier Martins. Pergunta sobre minha visão dos mandatos do Pt. Resumidamente respondo que teve alguns pontos importantes, como o Bolsa Família, onde pessoas que não comiam estão comendo (básico!) e crianças que não frequentavam a escola estão frequentando, mas que as políticas do Pt tem seus limites... Ele pergunta para que o trabalho, qual seria a conclusão dele. Digo-lhe que a conclusão é um tanto aberta, pois é sobre a vida de pessoas, mas que o intuito é conhecer melhor o universo da rua, para compreender e, quem sabe, com isto, sensibilizar outras pessoas sobre o assunto, no intuito de diminuir o preconceito, as violações de direitos, auxiliar em possíveis políticas publicas voltadas a este público (trazendo a sua dinâmica e perspectiva) e etc. Ele então diz “mas este trabalho chega só a uma minoria, né?! Como que se faz pra ele chegar a uma maioria?”- ponto nevrálgico da conversa, pois sinto um canal para falar sobre o material audiovisual como um meio mais abrangente de se contar uma história, já que é um texto que pode ser entendido por mais pessoas, já que ao escrever um texto com os tons da universidade, com as palavras que aprendo no curso de Ciências Sociais, nem tantos compreenderiam. Daí ele chega na seguinte conclusão, ainda mais nevrálgica: “já que tu quer gravar um material, por que tu não passa um tempo aqui com a gente, numa noite ou num dia, pegando o dia a dia do pessoal?”. Minha resposta: “é isso que gostaria de mostrar com este trabalho- o cotidiano da galera. Como vivem a cidade, como interagem com seus espaços. Quero registrar as correrias, os percursos... tu quer ser um voluntário nisso?” Ele se mostra interessado e diz “tu vai andar muito! Vai ter que por um tênis, porque esse chinelinho não vai aguentar”, daí começa a fazer cogitações e diz não saber muito bem- “vai que alguém vê na internet o que não deve”. Digo-lhe que a internet só rola se o pessoal pedir para colocar. Ele hesita. Eu digo fica à vontade, mas não escondo minha satisfação em ter sua participação no trabalho. Ele diz que precisa de um tempo para pensar. Pergunto se uma semana seria um bom tempo para pensar, ele diz que sim. Marcamos para quarta que vem, ali mesmo, umas 18h, para ele me dar a resposta.

Nisso chega Txxxo, um dos habitantes da aldeia, não tão chapado de loló como das outras vezes... acredito que por causa disto minhas interações com ele são sempre um pouco confusas. Ele me vê, me cumprimenta, cita coisas “soltas” das minhas idas à aldeia. Senta no chão e começa a falar comigo. Nisso chega as quentinhas, do outro lado da esquina do palácio da Justiça. Paulinho diz que tem que ir buscar rápido, e me pede para segurar/cuidar sua mochila, deixando-a ao meu lado. Thiago conversa mais um pouco, eu entendo o “contexto” das palavras soltas, ele diz que tudo que eu gravei na aldeia ele também tem gravado no “pendrive dele”. Levanta-se para também

buscar a quentinha, me convida para ir junto “vem, vem, vem junto! Ali em baixo, tá todo mundo ali!”. Porém não vejo Paulinho e fico com receio de não conseguir encontrá-lo para entregar-lhe a mochila, digo que preciso esperar por ele, Txxo insiste um pouco e se vai.

Paulinho chega em seguida, me oferece o pedaço de bolo que “pegou pra mim”, depositado em cima do alumínio que tampa a quentinha. Pego o bolinho e agradeço, já dando a primeira mordida (é o mesmo bolinho de baunilha do dia em que fiz a “patrulha” com Bxxo e Gabri). Também me oferece o suco, deixando o copo comigo.

Ixxa e Cxxn (casal novinho) contam sua história e como se conheceram- baile funk no centro, roubos, hotel, amizade, drogas, Bagé, como ela salvou ele de quase ir preso por sua influencia: ele não é daqui, é de Bagé. Saiu da cidade porque tava usando muita droga, tava muito loco. Veio para Porto Alegre para tentar sair um pouco dessa loucura. Mudar de vida. Quando chega trabalha uns quatro meses em obras (acho que da Copa). “do trampo pro albergue, do albergue pro trampo, durante quatro meses”. Daí, um dia, um cara lhe deixa 30,00 reais de fumo na sua mão, em uma noite na Redenção ele faz 149,00 reais. Outro dia o cara lhe deixa 300,00 reais, e dali ele começa a vender na redenção “pros playboy”. Diz que ficava num hotel ali perto, ia pra Redenção e ficava fumando maconha o dia inteiro como pessoal da rua, e à noite vendia por lá. Tava só nisso, mas conheceu um pessoal “da pesada” e começou a assaltar com eles. Conheceu lanca-18 anos (sei não), desde os, “bem dizer”, 9 na rua, pois sempre fugia do abrigo que começou a ficar com a mãe doente e depois de sua morte; com 17 não voltou mais- num baile funk no centro. Ele se hospedava num hotel ali perto, vendia “coisa” por ali, e antes de entrar viu que ela não tinha pra onde voltar, falou que se ela quisesse podia ficar no quarto dele “de boa”, que ele respeitava. Ela aceitou a proposta e, segundo ele- ela confirmando tudo com a cabeça e com sorrisos de cumplicidade feminina para mim- “ficaram 9 meses dormindo um do lado do outro sem nem mesmo um beijo”. Até que um dia, ele se atrasou de um assalto que tinha combinado com “aqueles”caras. Quando ele chegou ao quarto do hotel ela estava super preocupada. Ele performatiza a cena pra gente, ironizando a reação dela (de menina “difícil” que se entrega nesse momento de medo- por ele!- e tensão, não conseguindo mais esconder seus sentimentos por ele): com os braços abertos, imitando a reação dela “ai, ai ,ai, que bom que tu chegou!”. Ele diz que ela o abraça neste momento e lhe dá um beijo na ponta, quase na metade, da boca- e que “daí já era”. A todo o momento desta narração ele olha pra ela, dizendo “né?!”, e ela confirma toda a história com olhares, sorrisos e movimentos afirmativos com a cabeça, ora pra ele, ora para mim. Os dois sempre rindo bastante da própria história ao narrarem a mim. Começaram a relação dali por diante, a rotina do casal passa a ser a seguinte: eles dormiam no hotel, iam pra praça da alfândega todos os dias de manhã, ela sentava num banco, ele deixava a mochila com ela e ia fazer seus assaltos e vender suas “coisas”. Ele diz que vários caras que faziam isso com/como ele seguiam indo presos, e ele nunca ia preso. Um dia ela ficou com medo, e na volta dele falou se era isso que ele queria “ir preso como os outros”. Ele pergunta então a ela “tu tá a fim de larga, vamo larga?!”. É então que o casal resolve ir pra Bagé. Constroem um chalé de madeira

no terreno da mãe dele. Diz que gastou mil reais pra fazer. Ela então conta que começou a ficar entediada, entra em depressão, começa a “fumar muito”... ela liga pra tia e tenta ajeitar uma vinda, só que apenas há espaço para ela... para ele não. E por isso estão na rua. Eles dormem num hotel “ali pra baixo”. Ele passa o dia cuidando de carros na frente da matriz, põe moedas nos parquímetros e ajeita o comprovante nos vidros dos carros para os clientes não serem multados. Ela permanece nos bancos da praça lhe fazendo companhia, ou também ajudando a cuidar dos carros. Mas o que mais ela faz, como contam os dois rindo, é cuidar do dinheiro que ele recebe dos clientes. Nos instantes que passei ali com eles, ele, em pé todo o tempo, até mesmo para comer a quentinha, sempre vigiando os carros, ora vindo para o banco, falando de frente com a gente- de costas para a rua-, ora indo para a ponta da calçada e meio da rua- de costas para nós-, olhando sempre para os lados e falando, mesmo quando não olhava para gente. Os dois são bem novos, ele um pouco mais velho que ela, branco, magro, alto, cabelo liso bem cortado, com tatuagens nas pernas e nos braços, olhos verdosos, bem grandes e redondos. Ela, baixinha, magrinha (mas com as formas do corpo bem definidas), bem morena, cabelos pretos e que vai encacheando para as pontas. Ele se “queixa” pra mim- com orgulho- dizendo que ela é cheia de vontade: que pede uma coisa uma hora e, daí, quando ele traz, ela faz cara de pouca vontade, de quem já não quer mais. Ambos bem limpos e com roupas em boas condições. Coalhada diz “ele nem tem cara de morador de rua, né?!”. Nunca havia descrito nenhum peregrino fisicamente como descrevi este casal. Além de ter achado a história deles “fofa”, neste mesmo dia, pela manhã, tinha lido a dissertação da Claudinha, e me chamou muito a atenção os aspectos físicos que ela descreve: “chagas, marcas, sujeira”- algo que ela encontrou e que reforça o estereótipo do “morador de rua”. Em todo este ano de campo, sim, encontro alguns com esta imagem bem marcada, mas, para maioria dos peregrinos que venho acompanhando, a preocupação com o banho leva a correrias diversas. De fato, os peregrinos que mais tive contato não apresentam esta “sujeira”. Acredito que me senti provocada pelas descrições da Claudinha, e sinto o exemplo deste casal uma oportunidade para mostrar esta outra imagem de peregrinos. Também, tinha um tipo de tabu, porque a descrição física das pessoas, evito, talvez por querer desvincular a imagem estereotipada dos peregrinos que convivo.

Falamos bastante sobre assaltos. Conto como foram os dois assaltos que já me aconteceram. Digo que este último foi uma merda, porque o cara foi super violento, me fez andar me puxando pelos cabelos e me chamou de vagabunda (coisa que no outro não aconteceu, até negociar o chip do celular havia conseguido), além de levar meus documentos, que de nada lhe serviria. Cxxxn me explicou que eles quebram os cartões e rasgam os documentos. Ele conta que não negociava os chips de celulares porque demorava muito tempo e, nisso, podia passar os “porco”, mas nunca levou nenhum documento.

Claxxxxo- Coxxxxa- também é facilitador, na rua desde 1974, tá suspenso de muitos equipamentos por “tretas”, estuda na EPA, tá de cara com Txxxa, combina amanhã (quarta) umas 19:30 comigo, pra registrarmos a abordagem (antes sondei se não ia rolar ciúme com

Txxxa, se rolava de fazer com os dois e tal, ele disse que era de boa, que “tá de cara” mas são irmãos) to achando que ele quer fazer isso pra tensiona um pouco o conflito com o “irmão”, mas to deixando bem claro que farei com os dois, dizendo que falarei novamente com Txxxa na sexta. (continuar) (fragmento de diário de campo)

Para sentir a ambiência deste fim de tarde, tentando encontrar Txxxa no Largo Zumbi dos Palmares, em plena Feira de terça, acessar os *takes* do suporte dvd: *À procura de Txxxa*.

5.3 ITINERÁRIOS *PEREGRINOS*

Noite *Peregrina*



Imagem 50 - Fotografia da fotografia tirada semanas anteriores a este dia. Txxxa tem uma cópia impressa e fez questão de mostrar que guardava junto aos seus pertences, em uma pasta, em sua mochila. Prontamente lhe pedi para fazer esta imagem, sexta de reunião do MNPR, 2014.

Itinerário: Campus do Vale; pegamos o ônibus Agronomia; descemos na Borges de Medeiros perto da Monte de Pedra (não sei porque não paramos na parada da esquina com a Riachuelo); subimos a Borges, até a esquina com a Jerônimo Coelho; da Jerônimo Palácio de Justiça; do Palácio, escadaria da Catedral Metropolitana: meu chinelado havia arreventado e Tixxxa pediu para

um irmão de rua emprestar um Havaianas para mim, que prontamente entregou-me o chinelo dizendo que eu não precisava devolver, que eu podia ficar com ele; seguimos pela Duque; descemos a escadaria da 24 de Maio; fico em casa, na Desembargador André da Rocha; (perguntei a Pedro para onde foram depois de me deixar em casa): os outros seguem pela Lima e Silva; depois República e Joaquim Nabuco.

Para Denis, 9 de abril de 2014

nem sabe, tive a melhor experiência em campo com pop. de rua hoje: fizemos mais uma atividade com o pessoal do jornal Boca de Rua. Depois que acabou a atividade saímos do Vale com dois deles, os que ficam no centro (praça da matriz e rua Jerônimo Coelho, e perto do teatro São Pedro); cheguei agora em casa, estava até agora na rua, ao lado do teatro São Pedro, conversando com o pessoal que fica nas marquises do palácio de justiça; jogam chadrez, fumam craque, bebem cachaça 51; nessas 3h que fiquei ali com eles, uns quatro grupos de pessoas, em carros e a pé vieram entregar-lhes quentinhas de comida (muita comida!); conversamos especificamente sobre o movimento nacional da pop. de rua (aquelas reuniões no Simpa, que participo toda sexta e que tu já me levou um dia de *bécique*), das cooptações e das tretas que existem aqui no de Porto Alegre; na Jerônimo Coelho conheci um cara de Gana, que veio para o Brasil clandestinamente em um navio, ele não consegue trabalhar pq não tem papeis, nem de gana, tá apenas com um documento da polícia federal de refugiado (falei em inglês com ele, e até um pouquinho de francês); preciso escrever meu diário de campo, há muitos detalhes importantes para serem lembrados; o fato é que até comemos a comida junto, fumei um Marlboro, o Pedro, meu parceiro, bebeu cachaça tb.

ça roule!

(email relato para um amigo *quebequoi* com o qual trocava minhas experiências e ideias sobre a vida em geral e sobre minha pesquisa)

Para Pxx, Pxx, Txx e Bxx, 10 de abril de 2014

Opa!

to as voltas com a escrita da experiência de terça. simplesmente não estou conseguindo descrever... não foi apenas um mergulho profundo, foi o experienciar, adentrar uma dimensão outra: a marquise do palácio de justiça não era mais a marquise do palácio de justiça, era um outro lugar! o que acontecia atrás de mim (rua, carros, pessoas saindo do teatro São Pedro) não estava mais ali, não importava...a roda de conversa era um mundo, um outro mundo possível. experimentamos por alguns instantes, Pedro, este outro mundo possível... que conversa interessante, perspicaz, rápida, cheia de ironias, raciocínio rápido; como me senti a vontade, e a confiança?! me senti absurdamente segura naquela interação, senti firmeza na troca: como eles dizem (fechou com o que penso) "o olhar: a gente sabe em quem confiar pelo

olhar..." uma confiança nunca sentida antes, não sei explicar, não é aquela dos entes chegados, da companhia com a qual nos entregamos a Morfeu... é outra!"(email-relato compartilhado no grupo de emails da equipe do *Moralidades e Subjetividades nos Circuitos de Atenção à População em Situação de Rua*)

Ação Rua

Recombino atividade com Txxxa. O intuito é fazer este itinerário com a equipe do *Ação Rua*, um serviço especializado em abordagem social, ofertado pelo CREAS (Centro de Referência Especializada em Assistência Social). Tem como objetivo o trabalho de abordagem e busca ativa que identifique situações de rua: crianças, adolescentes, adultos, famílias. Os Facilitadores Sociais atuam junto à equipe na abordagem social de indivíduos adultos. O programa reconhece que seu público alvo organiza-se em rede, utilizando-se este artifício para melhor se aproximar dos sujeitos na abordagem de rua. O programa deu-se conta que ao conhecer algum membro da equipe, a abordagem funciona melhor, cumprindo com mais eficácia a finalidade a que se propõe: a retomada do vínculo com a família, com a comunidade e a perspectiva de produção da autonomia. Os trechos desta narrativa encontram-se no suporte dvd: *Ação Rua com Txxxa*.

A tentativa da câmara compartilhada



Imagem 51 - saindo da Escola Porto Alegre, Por Douglas Freitas, novembro 2014.

Neste dia havia combinado com Dxxd de lhe entregar uma pequena câmara Samsung para que ele pudesse registrar seus itinerários e perspectivas sobre a cidade de Porto Alegre. Estas imagens fariam parte da reflexão sobre os itinerários urbanos dos peregrinos, trazendo a proposta da câmara compartilhada. Ao entregar-lhe a câmara, na sala de informática da EPA, chega Douglas Freitas- ex-colaborador da Revista Bastião, que integra o jornalismo alternativo, produzido por universitários e jovens jornalistas em Porto Alegre-, com o qual pouco havia tratado, e conhecia basicamente de vista. Então presencio uma incrível coincidência: Douglas e Dxxxd estavam também contato há algum tempo e produzindo algumas imagens juntos; eis que Douglas, ao saber que eu havia entregado a câmara a Dxxd, abre uma bolsa protetoras de câmaras fotográficas, tirando uma Nikon já usada e dizendo que havia também pensado em presentear Dxxd, porque ele também havia percebido a sua inclinação pela grafia com a luz e também queria dar um incentivo a esta motivação/talento do

“gordinho”. Ficamos todos extasiados com a tremenda coincidência e saímos todos de lá fabricando “altas armações” visuais.

Dias depois fico sabendo de um infeliz episódio para todos nós:

Mas até é bom, até é bom que eles me levem e me de uns pipoco, porque aí eu vou cagar na cabeça deles. Vou mostrar que morador de rua não é lixo que eles cagam a pau e deixam atirado

O lance foi que a gente gelou quando se ligou numa coisa: e se a polícia pega o gordinho de noite andando com duas câmeras? Falar o quê? Ia dar merda fácil. Supomos mil coisa em grupo e ele largou essa aí de cima, de cara. Mudamos de assunto, mas meio que espiados ainda. E se acontece mesmo? Depois de um tempo, meti uma pilha, dando risada. *Não, gordinho, se acontece, tente que fazer um bafafá, mano, dar entrevista. Hahaha*

Quando a nossa risada parou, pensei que o assunto mudaria, mas ele me olhou e encarnou o ator do *Teatro dos Invisíveis*. Tava em frente às câmeras, indignado:

- tô aqui hoje pra falar contra a polícia militar de Porto Alegre. Eu sou morador de rua e também trabalho com fotografia, como vocês podem ver, este aqui é meu instrumento de trabalho. E eu não tenho direito de ficar com ele na rua. a polícia me levou meu instrumento de trabalho.

- o que eles fizeram?, insiste o entrevistador.

- pô, a polícia chegou lá no mocó, né? onde a gente dorme ali, na matriz. "boa noite, mão na cabeça!". olhou pra mim: "Ah, peguemo!". Como assim pegaram? As fotos? Tem várias fotos aqui sim. "Não, peguemo duas câmeras contigo, vagabundo. Caiu tua casinha!"

(o cícero dá risada. não larga o pandeiro, fazendo o fundo da encenação do gordinho)

- Já tomei uns pipoco, né, Douglas. Fato! Tomei uns pipoco. Aí eu falei pra eles. Peraí, essas câmeras eu ganhei, tão me dando um apoio, tô me encarnando em fotografia. O senhor quer ver meu trabalho?

"Trabalho, que trabalho?" Pleftttt, tapão na cara. "Que trabalho? Morador de rua trabalhando, tá de zueira com a minha cara? Vamo lá pro palácio!" Bom, e o resto tu já sabe, né? Quatro dias lá trancado.

- Os caras não acreditam que o cara trabalha.

- Os caras não acreditam, né?

A partir daqui o gordinho perdeu o bom humor do ator e parece que bateu a desolação.

- Acham que só porque o cara dorme na rua num colchão ali não tem o direito de construir uma coisa melhor.

Ficou quieto, olhou pra baixo, e alguém meteu essa.

- E levaram a câmera.

- E levaram a câmera, assentiu reticente.

O lance é que os policiais não sabiam que o gordinho, com dois dias de câmera na mão, tinha descolado dois trampo: foi convidado pra compor

a equipe do Boca de Rua e o capoeirista e professor Gororoba perguntou se ele não toparia fazer um registros das oficinas de tambor em escolas municipais. Topei com o gordinho no outro dia, ele tinha fotografado a noite e entrevistado outros moradores de rua. Tava empolgado. *Mano, é só parar a camera na frente da gurizada na madrugada que eles desembucham, falam de tudo.* Tinha chegado de Bagé há uns mês, pelo meio do ano. Tem que ver ele contado sobre o envolvimento dele nos protestos por lá. Veio dar um tempo aqui por porto alegre, as coisas não estavam muito bem pro lado dele na fronteira. Alguns carinhos ficaram por Bagé, como a filha recém nascida, que ele tá indo visitar agora nas festas. Por aqui, conheceu a EPA e voltou a estudar. É, além de estudante e de muitas outras coisas, militante do movimento dos moradores de rua, fotógrafo, ator do teatro dos invisíveis. São novas vidas, várias possibilidades. Algumas oportunidades - quase sempre cerceadas. A EPA e a fotografia, cerceadas pelo Estado.

_____ (relato postado por Douglas e compartilhado por mim, narrando as falas do *gordinho* sobre a realidade peregrina)

5.4 INTERPRETAÇÕES E QUESTIONAMENTOS

Estar na *Rua* “não é apenas uma estratégia de sobrevivência ou moradia, mas um modo específico de se constituir a existência, mediado por sentidos sobre a habitação e pelas tramas de relações que a circunscrevem” (Schuch 2007, p.27). São sentidos não normalizáveis pelo Estado moderno hegemônico e não capturáveis pelas suas intervenções colonizantes - para os quais a *Rua* aparece também enquanto espaço de invenção, de criação e de luta. Logo, a *Rua* necessita ser projetada na multiplicidade das cores que compõem seu prisma: processos históricos e socioculturais que envolvem tecnologias de governo e diferentes modos de intervenção institucional, agências políticas e práticas diversas postas em jogo nas complexas dinâmicas de sua produção.³³ Ao se reconhecer que a existência dessas pessoas transgride os padrões de *normalidade* dominantes- como trabalho, durabilidade de relações e fixação domiciliar- oportuniza-se outros questionamentos: os limites de uma ordem social sedentária, individualista e competitiva e suas noções de “liberdade” e “igualdade”; maior atenção às consequências nocivas de um controle social

33 Noções trabalhadas em *A “Situação de Rua” para além de determinismos: explorações conceituais* (GEHLEN E SCHUCH, 2012).

punitivo; debates em torno da função social e cultural dos espaços públicos; abertura de um espaço para a *rotação de perspectivas*- compreensão de processos a partir dos indivíduos protagonistas, abdicando da unilateralidade do ponto de vista dominante; ampliando-se, conseqüentemente, o campo de possibilidades de se pensar modos de vida que apresentem alternativas aos imperativos homogeneizantes do capitalismo moderno globalizado. Para as áreas do circuito de atendimento a este “público”, esta pesquisa abrange, mais do que a ideia de humanizar o tratamento dirigido, o entendimento de cidadania enquanto autorreconhecimento social, promovendo a imprescindível participação dos *cidadãos de Rua*³⁴ na elaboração, implementação e controle das políticas e programas dirigidos para si. Para a sociedade em geral, a importância de se considerar a legitimidade da diferença, “sem, com isto, submetê-la ao padrão que domina e que, paradoxalmente, promove a desigualdade” (Magni, 1994).

34 Categoria êmica ouvida por mim pela primeira vez em abril de 2014, num “domingo na Redenção”, atividade da *Rádio na Rua*- oficina ministrada no Centro Pop 1- neste dia, itinerante. No suporte DVD ver: *Rádio na Rua na redenção*

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Proponho aqui o compartilhamento do processo de construção desta parte final da monografia, que é extremamente desafiadora, visto que os caminhos da pesquisa e as possíveis reflexões a partir de todas estas vivências são incontáveis. O campo desta pesquisa é intenso, rico, desafiador, exige engajamento e posições claras em relação aos agenciamentos políticos e à ética antropológica.

Versão 1

Para concluir o debate, nas considerações finais, faço uma reflexão no que tange conceitos recorrentes aos estudos sobre esta “população”- como a resiliência, a violência e o afeto; situações de risco em campo e impressões sobre poder, empatia e inversões na relação entre sujeito-pesquisador e sujeito-pesquisado

Versão 2

Nas considerações finais, percepções sobre a situação do risco em campo (situações que permeiam o cotidiano da *vida peregrina*). Um debate levantado pela professora Ana Luiza Carvalho da Rocha nas reuniões do BIEV. As inversões da relação entre sujeito-pesquisado e sujeito-pesquisador; e os possíveis caminhos desta *viagem* intersubjetiva no cenário de sociedades complexas, ora apontando para possibilidades vindouras deste estudo em seu âmbito global, ora apresentando uma pequena crônica audiovisual enquanto proposta de tratamento criativo da realidade e extroversão do observado, sentido e absorvido nos ritmos da *duração* desta pesquisa. Por este motivo, o recurso à leitura intertextual: as letras e os bits/pixels; o folhear e o navegar; o papel impresso e o DVD.

Versão 3:



Imagem 52 - *Metamorfoses*, por Douglas Freitas, 2014

Referências bibliográficas

- BACHELARD, Gáston. *A dialética da duração*. São Paulo: Ática, 1988.
- BACHELARD, Gáston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- CLASTERS, Pierre. *A sociedade contra o estado*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.
- de CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- ECKERT, Cornélia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *Antropologia da e na cidade, interpretação sobre as formas sensíveis da vida urbana*. Porto Alegre, Marcavisual, 2013
- ECKERT, Cornélia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *Etnografia da duração: antropologias das memórias coletivas nas coleções etnográficas*. Porto Alegre: Marcavisual, 2013.
- ECKERT, Cornélia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da (org.). *Etnografia de Rua: estudos de antropologia urbana*. Porto Alegre, Editora UFRGS, 2013.
- ECKERT, Cornélia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *O tempo e a cidade*. Porto Alegre Ed. Da UFRGS, 2005. (ritmos temporais)
- FOUCAULT, Michel. A Governamentalidade. In: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p. 277-293.
- FRANCO, Sérgio da Costa. *Porto Alegre: guia histórico*. Porto Alegre: Ed. Da Universidade/UFRGS, 1992.
- JEUDY, Henri Pierre; JACQUES, Paola Berenstein. *Corpos e cenários urbanos: territórios urbanos e políticas culturais*. Salvador: EDUFBA; PPG-AU/FAUFBA, 2006.
- KASPER, Christian Pierre. *Habitar a Rua*. Campinas: UNICAMP, 2006.
- LEAL, Eduardo Martinelli. Da porta para fora: a constituição de um problema social. *Pountourbe*. Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP, 2007.
- LEFEBVRE, Henri. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

LEITE, Rogério Proença. *A inversão do cotidiano: práticas sociais e rupturas na vida urbana*. Dados, Rio de Janeiro, v. 53, 2010.

LEITE, Rogério Proença. Localizando o espaço público: Gentrification e cultura urbana. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, v. 83, p. 35-54, dez. 2008.

LUCCA, Daniel de. *A Rua em Movimento: experiências urbanas e jogos sociais em torno da população de rua*. São Paulo: USP, 2007.

MAGNI, Claudia Turra. *Nomadismo Urbano: uma etnografia sobre moradores de rua em Porto Alegre*. Porto Alegre: Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, 1994.

MAGNI, Claudia Turra. O uso da fotografia na pesquisa sobre habitantes de rua. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v 1, n. 2, p. 141-149, jul./set. 1995.

OLIVEN, Ruben George. Por uma Antropologia em cidades brasileiras. In: *O Desafio da Cidade*. Novas perspectivas da antropologia brasileira. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1980.

OLIVEN, Ruben George. *Urbanização e mudança social no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1982.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Eixo Experimental, 2005.

SANSOT, Pierre. *Poétique da la ville*. Paris: Klincksieck, 1997.

SCHUCH, Patrice. Aproximações com as Pessoas em Situação de Rua. In: URGs/LABORS. *Relatório I de Pesquisa*. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

SCHUCH, Patrice et al. *Relatório final de pesquisa: Cadastro de Adultos em Situação de Rua e Estudo do Mundo da População Adulta em Situação de Rua de Porto Alegre*. POA, 2008. In: GEHLEN, Ivaldo; SILVA, Simone Ritta e BORBA, Marta (Org). *Diversidade e proteção Social: estudos quanti- qualitativos das populações de Porto Alegre: afro-brasileiros; crianças, adolescentes e adultos em situação de rua; coletivos indígenas; remanescentes de quilombos*. Porto Alegre, Century, 2008. p.13-30.

SILVA, Tiago Lemões. Família, rua e afeto: etnografia das relações familiares, sociais e afetivas de homens e mulheres em situação de rua. Pelotas, 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Sociologia e Ciência Política. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal de Pelotas.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio G. (Org). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 11-25.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como um outro*. Campinas: Papyrus, 1991.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. São Paulo: Papyrus, 1994.

VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.